

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

ANA LÚCIA VALDEZ POLETTO

QUANTAS INTENÇÕES: EDUCAÇÃO DA SAÚDE E CONEXÕES COM A CULTURA

Porto Alegre

2014

ANA LUCIA VALDEZ POLETTO

QUANTAS INTENÇÕES: EDUCAÇÃO DA SAÚDE E CONEXÕES COM A CULTURA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim

Porto Alegre

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Poletto, Ana Lucia Valdez
Quantas intenções: educação da saúde e conexões com
a cultura / Ana Lucia Valdez Poletto. -- 2014.
77 f.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Saúde e cultura. 2. Educação e produção de vida.
3. Educação em saúde mental. 4. Pontos de cultura. 5.
Educação em saúde. I. Ceccim, Ricardo Burg, orient.
II. Título.

ANA LUCIA VALDEZ POLETTO

QUANTAS INTENÇÕES: EDUCAÇÃO DA SAÚDE E CONEXÕES COM A CULTURA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada pela banca examinadora em 22 de dezembro de 2014.

Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim – Orientador

Prof. Dr. Ilvo Fernando Port – Faculdade da Serra Gaúcha

Profa. Dra. Luciana Grupelli Loponte – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Clara Salengue – Universidade Católica de Pelotas

AGRADECIMENTOS

A minha querida e amorosa mãe, **Maria Elisabete dos Santos Valdez**; meu pai amado, sempre pronto para ajudar, **Arlindo Baccega Poletto**; meu irmão **Fabio Luiz Valdez Poletto**, maravilhoso, carinhoso e amigo sempre. Ao meu amor, **Marcelo Cougo de Sá** (nossa vida, conversas, provocações, alegrias e aprendizagens).

Ao **Renato**, mestre desta cerimônia, e sua **Sabrina** maravilhosa.

Um super agradecimento ao meu instigante orientador, **Ricardo Burg Ceccim**, pela admirável força, sensibilidade e dedicação, ensinando e construindo conjuntamente.

Às queridas pessoas amigas que nos dizem uma palavra de conforto quando estamos nos sentindo sozinhas e cansadas ou, às vezes, estão em nossa lembrança com muita força e amor. Verdadeiramente nos ajudam a seguir em frente: **Marlise, Gisa, Soyan, Andréa, Rosane, Laurinha, Bê, Bruno, Roberta, Manuel, Ricardo, Caco, Leão**, o querido amigo **Serjão** (*in memoriam*), **Elenir, Nado, Vanessa, Bere, Lauri** e à admirável guerreira **Denise**.

À parentada querida, em especial à amorosa e divertida princesa **Julia** e seu príncipe **Lineu**, a **Sara**, madrinha curiosa, interessada e admirável movimentadora de vida, **Tita**, pelas lembranças e carinho sempre. À **Vera**, tia, à **Tamir**, à **Vera Rejane**, ao **Caio** (*in memoriam*), à **Biba** e à **Iris**, ao tio **Arildo** (*in memoriam*) e às primas **Ana Lucia, Rosa Alice** e **Iara**. À sogrita **Julia, Volmar** e **Cris**, pelo carinho que ajuda a seguir. Até à nossa cachorra, **Velha Dama do Rock**.

Ao povo da **Casa Lucas de Assis**, onde encontro energia, abrigo, amor e força coletiva para aprender, compartilhar, aceitar as estranhezas carinhosamente. Aos companheiros do **Grupo Hospitalar Conceição – GHC**, **Louris, Maria, Lélío, Sônia, Rosa, Cristina, Rogério, Elisandro, Daniela, Marta Orofino, Juliana K., Maribela, Rita**. Em especial as acolhedoras e queridas parceiras do Chalé da Cultura: **Márcia, Margareth, Marli, Melissa, Miranda** e nossos grandes, carinhosos parceiros **Enara, Jorge** e **Julio**. Ao parceirão, amigo e colega do GHC **Edenilson Bomfim**, pelo cuidado e amizade. Ao acolhedor profissional de saúde e

Gerente da Saúde Comunitária **Vitor Fontanive** e a coordenadora **Simone Bertoni**.

Aos professores avaliadores da Banca do projeto de pesquisa, por sua disponibilidade e contribuições: **Francilene Nunes Rainone**, **Rosemarie Gärtner Tschiedel** e **Johannes Doll**. À amorosa e incansável **Sharlene** e o pessoal do **EducaSaúde**: seu acolhimento faz toda diferença quando estamos cansados, desanimados e precisando de uma palavra ou sorriso de boas-vindas. À querida, dedicada e sensível colega **Jaqueline Campos**, pela parceria e nossas conversas abertas e cúmplices. Aos queridos e carinhosos companheiros anteriores e recentes de estudos e desejos na pós-graduação: **Dani Noal**, **Guilherme**, **Andrea**, **Ana Celina**, **Renato**, **Igor**, **Thaís**, **Liliane**, **Raphael**, **Lidieli**, **Daniela** e **Heloísa**. Às ensinantes na pós-graduação: **Paola Zordan** e **Rosa Maria Bueno Fischer**, sua paixão pelo ensinar e aprender é encantadora, faz querer aprender mais. Aos colegas da turma da Paola Zordan (PPGEdu), do primeiro semestre/2014, a prazerosa oportunidade de aprender conjuntamente.

À professora **Maria Ivone**, do Instituto de Artes/UFRGS, que disponibilizou o livro que inspirou e contribuiu muito neste estudo. À artista visual **Clarissa Silveira**, trazendo e fazendo arte, motivo de aprendizagem em meu atual cotidiano de trabalho no Chalé da Cultura/GHC. À **Renata Gusmão**, contribuindo e trocando ideias, facilitando minha aproximação com o projeto. Ao vizinho **Juliano**, pelo incentivo tranquilo. Aos nossos queridos amigos artistas, **Ubiratan Carlos Gomes** e **Graziela Saraiva** pelas conversas e ensinamentos. Ao psicanalista **Adão Costa**.

Às parceiras **Gabriela Godoy** e **Gema Piccinini**, do Projeto de Extensão Teko Porã, da Escola de Enfermagem/UFRGS, e aos queridos **Guelle**, **Bárbara**, **Ana** e **Camila**. Ao povo da **Cooperativa Catarse de Comunicação** e sua bela e desafiante trajetória de aprendizagem, ousadia, compromisso, luta, sensibilidade, vida e criação.

Algo de especial nesse momento acontece, momento que emociona, o carinho e amor enorme que sinto por vocês, meus companheiros, amigos e grandes mestres (visíveis e invisíveis) me invade. Sou muito grata pela presença de cada um de vocês na minha vida, todos me provocaram/provocam e auxiliam para movimentos de uma pessoa melhor.

303. Dois seres felizes - Verdadeiramente, apesar de sua juventude esse homem entende da *improvisação da vida* e assombra até o mais fino observador: pois ele parece não cometer nenhum deslize, ainda que jogue sempre da maneira mais arriscada. Lembra-nos esses mestres improvisadores da música, aos quais o ouvinte atribui também uma divina *infallibilidade* das mãos apesar de eles errarem aqui ou ali, como todo mortal. Mas são treinados e criativos, e a todo instante prontos para imediatamente encaixar na ordem temática aquele som casual a que foram impelidos pelo caprichoso lance de um dedo, insuflando no acaso um belo sentido e uma alma. – Eis um homem completamente diverso: no fundo, tudo o que ele pretende e planeja dá errado. Aquilo em que ele eventualmente pôs seu coração já o levou mais uma vez a um passo da ruína e à beira de abismo e, mesmo quando escapou a isso, não foi certamente “com um olho azul”. Pensam vocês que ele é infeliz por isso? Há muito ele resolveu não levar os próprios desejos e planos muito a sério. “Se eu não for bem sucedido nisto”, diz ele consigo, “talvez seja naquilo; e, tudo somado, não sei se devo mais gratidão a meus fracassos ou a meus sucessos”. Terei sido feito para ser obstinado e usar seus chifres como um touro? Aquilo que para mim constitui valor e resultado na vida está em outra parte; meu orgulho e também minha miséria estão em outra parte. Eu sei mais sobre a vida, porque frequentemente estive a ponto de perdê-la; e justamente por isso obtenho mais da vida que todos vocês.

Friedrich Nietzsche, A Gaya Ciência.



RESUMO

O presente estudo teve a intenção de contribuir para a “produção de vida” – intensidades, potência, movimento, experimentação e metamorfose –, em relação a usuários dos serviços de saúde mental, trabalhadores da saúde e atores sociais produtores de fatos da cultura. O trabalho se fez pensando em uma Educação da Saúde, contribuição para as práticas de atenção e formação, a partir da escuta de narrativa de um jovem artesão presente no campo das artes e também usuário de um serviço de saúde mental da cidade de Porto Alegre/RS. Nosso objetivo foi de apresentar aproximações e contatos entre os campos da educação em saúde e da arte e cultura, por meio da trajetória intensa e sensível de um jovem adulto, suas experiências, sensações e reflexões envolvendo estes campos. Renato narra seu percurso na cultura e na saúde, nos fazendo pensar não apenas a formação de profissionais ou a cultura como setor que abriga as artes e as manifestações expressivas, mas a educação como a produção das práticas sociais onde se inserem o acolhimento da vida sob a forma de atenção à saúde. Em nossas “conversas”, sinaliza a importância de o campo da saúde estar aberto a compor-se com outros campos, como o da cultura, especialmente quando presente na vida local, na vida no bairro, na vida de relações. As questões tematizadas foram: como as expressões da cultura contribuem para a produção de saúde e como a cultura pode contribuir no cuidado de usuários de serviços de saúde? A abordagem proposta foi uma “escuta de narrativa” (interação sensível, margem aberta às interações desejadas pelo interlocutor e mesmo a expectativa de sua interferência, atenção às entrelinhas da comunicação e esforço pela escuta com o corpo todo), utilizando a conversação e a construção de “analisadores temáticos”, isto é, eleição de tópicos para a tematização ou tópicos para pensar foram-se abrindo os disparadores conceituais de apoio à compreensão das conexões arte, vida e saúde mental coletiva. Com este estudo percebemos o quanto se faz necessário trabalhadores de saúde abertos às experimentações, ao que é singular e potente em cada usuário; e como a cultura, através de suas expressões, oferta para trabalhadores e usuários uma pedagogia social e espaço para uma educação da cidade.

Palavras-chave: saúde e cultura, educação e produção de vida, educação em saúde mental, pontos de cultura, educação em saúde.

ABSTRACT

This study intended to contribute to the "production of life" – intensities, power, motion, experimentations and metamorphosis – regarding to users of mental health services, health workers and social actors producers of cultural facts. The work was done thinking of a Health Education, a contribution to the care and training practices, starting from the listening of a young craftsman narrative present in the arts field, and also an user of mental health service in Porto Alegre/RS. Our goal was to present approaches and contacts between the fields of health education and art and culture through the intensive and sensitive story of a young adult, his experiences, feelings and reflections involving these fields. Renato narrates his journey in culture and health making us think, not merely the training of professionals or culture as a sector which houses the arts and expressive manifestations, but education as the production of social practices which are inserted the acceptance of life under the form of health care. In our "conversations", they signaled the importance of the health field being open to compose itself with other fields, such as culture, especially when present in local life, in neighborhood life and on relationships life. The themed questions were: how expressions of culture contribute to the production of health and how culture can contribute in the care of health service users? The proposed approach was a "story listening" (sensitive interaction, open margins to desired interactions by the interlocutor and even the expectation of his interference, an attention to communication interrows and an effort by listening with the whole body), using the conversation and the construction of "thematic analysis", i.e., the topics election for the thematization, or topics to think, began to open up the conceptual triggers to support the understanding of connections between art, life and collective mental health. With this study we realized how much it is necessary to health workers being open to experimentations, to what is unique and powerful in each user; and how culture, through its expressions, offer to workers and users a social pedagogy and room for a city education.

Keywords: health and culture, education and production of life, mental health education, cultural hotspots, health education.

LISTA DE SIGLAS

ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva

AMORB – Associação Comunitária de Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta

APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CAPS ad – CAPS para atendimento em Álcool e outras Drogas

CAPS i – CAPS para atendimento à Infância e Adolescência

CR – Consultório de/na Rua

ECA/UFRJ – Escola de Comunicação e Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro

ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

GHC – Grupo Hospitalar Conceição

HNSC – Hospital Nossa Senhora Conceição

MinC – Ministério da Cultura

SSC – Serviço de Saúde Comunitária, do GHC

UBS – Unidade Básica de Saúde

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 13 |
| INÍCIO DESTA HISTÓRIA: A PESQUISADORA..... | 16 |
| CULTURA E SAÚDE..... | 21 |
| PONTOS DE CULTURA E A REDE NACIONAL DE SAÚDE E CULTURA..... | 24 |
| RENATO: ARTISTA E ARTESÃO NA REDE LOCAL DE SAÚDE E CULTURA..... | 31 |
| MEIO DESTA HISTÓRIA: AUDIOVISUAL NOVAS ESTRUTURAS..... | 35 |
| A CAMINHO DE UM PERCURSO E SUAS METODOLOGIAS | 40 |
| ESCUITA DA NARRATIVA E INTERAÇÃO SENSÍVEL | 46 |
| DESENHO, MÚSICA, PINTURA E A IMPROVISACÃO LIVRE..... | 47 |
| EMERGÊNCIAS DE SI, VAZAMENTOS, IMANÊNCIA DO ARTISTA EM MEIO À VIDA | 48 |
| EDUCAÇÃO, ARTEFATOS DA SAÚDE E ARTEFATOS DA CULTURA | 50 |
| LINHAS DE FUGA E EDUCAÇÃO DA SAÚDE..... | 52 |
| PRODUÇÃO DA VIDA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E ARTE | 55 |
| MEDICAÇÃO E MEDITAÇÃO | 58 |
| REDES DE VIDA, SERVIÇOS DE SAÚDE E REDES SINGULARES DE PROTEÇÃO À VIDA..... | 61 |
| SUSTENTABILIDADE, SOBREVIDA E LUTAS NO CAPITALISMO E NA SUBJETIVIDADE | 62 |
| METAMORFOSEAR | 65 |
| FIM DESTA HISTÓRIA... INÍCIO DE OUTRAS | 69 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 73 |
| APÊNDICES | 77 |

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado envolveu o projeto de escrever sobre as conexões da/entre a Cultura e Saúde, por uma Educação da Saúde, a partir da narrativa de Renato, um jovem do bairro Rubem Berta, artesão, músico e leitor de filósofos, atuante em equipamentos da cultura e da saúde mental na zona norte do município de Porto Alegre. Encontro com ele na Rede de Cultura e Saúde. Este jovem mobiliza pensamentos e fazeres pelo modo como se movimenta na cultura e nos serviços de saúde mental com recursos das artes visuais, música, artesanaria, literatura e filosofia. Atuou junto aos Pontos de Cultura e Saúde e na Rádio Comunitária do bairro onde mora. A proposta de perscrutar o percurso desse ator social da cultura, pelos espaços da arte e da saúde, que acolhem diversidades com potência para produção de autonomia, autoestima e inserção social, pareceu importante por sinalizar que, antes de frequentar o serviço de saúde mental, somos habitantes da cidade e seus espaços de produção de subjetividade.

Chamei de “quantas intenções” a apresentação do intento de uma conexão entre “cultura” e “educação da saúde” na medida em que projetei essa escrita como desafio a uma pedagogia universitária e a uma pedagogia social que articule – em rede – cultura e saúde. Penso nos modos de ensinar saúde na universidade ou na educação superior das profissões da área da saúde e nos modos como a sociedade produz e reproduz os saberes sobre o fazer em saúde, o ser cuidado/atendido em sistemas e serviços de saúde e o modo como oferta práticas e políticas do mundo da cultura ao encontro com as políticas e serviços de saúde. A perspectiva desta proposta é de contribuir para a “Produção de Vida” – intensidades, potência, movimento, experimentação e metamorfose –, em relação aos usuários, trabalhadores da saúde, atores sociais produtores de fatos da cultura e, por isso, uma “Educação da Saúde” – complexo de atividades ligadas à produção e reprodução do pensamento sobre o fazer em saúde a partir da narrativa de nosso ator social da cultura. “Quantas intenções” também realiza uma paródia com o programa da rádio comunitária “Quartas Intenções”, criado por residentes¹, usuários e trabalhadores de serviços de saúde

¹ Residentes são os pós-graduandos da especialização em área profissional da saúde, realizada em serviço e sob supervisão docente-assistencial. Na área da arte também foram criadas Residências Artísticas.

mental do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), na Associação Comunitária de Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta (Amorb) e Ponto de Cultura *Falando a Gente se Entende*, na cidade de Porto Alegre. As atividades de arte e literatura costumam ser consideradas integrantes do conjunto de estratégias no campo da saúde no que se refere à saúde mental, tendo em vista a produção de subjetividade ou a construção de projetos de vida que resgatem cidadania e saúde. Minha perspectiva não se afasta dessa concepção, mas inclui a noção de rede entre cultura e saúde. Como isto, assinalo que a impossibilidade de expressar a arte pode implicar específico ou maior sofrimento de saúde àqueles que nela encontram a extensão de seu organismo, seu corpo imaterial de existência. Ainda que se espere da arte e da literatura uma ação terapêutica, a sua ausência ou impossibilidade pode significar a entrada ou permanência em quadros de dor ou de sofrimento psíquico. A arte pode ser a via expressiva de emoções e elaboração de sentimentos, mas pode ser a expressão de uma vida em histórias singulares de trabalho, geração de renda e presença em meio ao mundo.

Este estudo inicia contando a trajetória e interesse da pesquisadora em relação ao tema, reflexões e repercussões na sua produção de vida. Em seguida, discorro sobre o desejo e a possibilidade de estabelecer conexões entre cultura e saúde e educação no cotidiano do trabalho, envolvendo usuários, trabalhadores e atores sociais da cultura. Tal conexão, entendida como força de atração e criação (rizoma)², a própria cultura entendida como complexo de atividades ligadas à criação e difusão das artes, artesanato e linguagens.

O projeto de pesquisa teve a pretensão de organizar uma “narrativa de si”, proveniente da escuta de um ator social artesão, músico, pintor, amante de literatura e leitor de filósofos, atuante em equipamentos da cultura e da saúde mental na zona norte do município de Porto Alegre. O que chamou a atenção foi o seu percurso, assim como suas reflexões e as relações que faz e nos faz ver entre arte, artesanato, linguagens expressivas e saúde, despertando curiosidade e questionamentos, sinalizando possibilidades. Uma de minhas “intenções” foi conjugar a perspectiva “de uma vida” e a busca acadêmica por uma

² O rizoma, nele mesmo tem formas muito diversas, diz Deleuze (1995, p. 14), “desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. O autor informa que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”.

perspectiva à educação da saúde, que viesse contribuir com a produção “de vida” nos espaços de cultura e saúde.

Atravessam minhas intenções o desenvolvimento e proposta, em âmbito nacional, da Rede de Saúde e Cultura, trazendo seus objetivos e seus eixos de atuação: o Programa Cultura Viva, a proposta de Pontos de Cultura e a Rede de Pontos de Cultura e Saúde, em especial do Grupo Hospitalar Conceição, equipamento de saúde da zona norte de Porto Alegre, envolvendo unidades básicas de saúde, centros de atenção psicossocial, um Chalé da Cultura, unidades de pronto atendimento e consultório na rua, que fazem parte da rede de saúde da cidade. As peculiaridades da proposta contribuem para a visibilidade de conexões entre o projeto de Pontos de Cultura, os trajetos de Cultura viáveis nas cidades e o desenvolvimento de redes com os serviços de saúde, em especial aqueles de saúde mental.

Apresento o jovem artesão, a história da escuta de um desejo seu, a realização de uma ação conjunta da saúde e da cultura via Política Nacional de Pontos de Cultura e a produção de um curta-metragem, “Novas Estruturas”, que deram protagonismo ao nosso ator social nesta história de produção e reflexão pessoal. O caminho metodológico escolhido representou a “escuta de narrativa”, com suas reflexões e conexões, para a produção “teórico-prática”, na pesquisa e na ação. O método da escuta de uma narrativa incluiu a seleção de “analísadores”, tendo em vista a tematização da cultura e a produção de saúde.

O jovem possui vinculação com a produção cultural urbana, em especial a arte e o artesanato, ingressando na rede de saúde mental em determinado momento de sua vida. Sua presença coloca entre minhas intenções a presença da cultura como potência de afirmação da vida repercutindo na saúde, uma outra ou nova educação da saúde.

INÍCIO DESTA HISTÓRIA: A PESQUISADORA

Minha aproximação com situações de saúde mental vem desde cedo, tendo vivido em família o contato com o sofrimento psíquico. A cultura, por meio das artes e do artesanato, esteve presente em minha trajetória de vida, desde cedo. Acompanhava minha mãe em um atelier de artes, vendo-a lidar com couro e pintura de óleo sobre tela. Eu dançava *ballet* e fazia aulas de pintura em tecido na infância. Interesse-me pelo cinema desde pequena, torcendo pelos dias de autocine, tela enorme, em um terreno privativo, onde as pessoas, de dentro dos carros, assistiam filmes. Frequentava o autocine com meus pais. Na adolescência, música e cinema foram formas de arte que estiveram muito presentes. Minha mãe gostava muito de música e meu pai gostava de assistir filmes. Ainda gostam. O cinema era o lugar que me possibilitava ir para longe de casa (saía de Canoas para Porto Alegre) e, com os amigos, caminhava pelas ruas da capital, explorando, conhecendo lugares e pessoas, em busca das salas de cinema. Naquele período, os cinemas não estavam nos shopping centers da cidade.

Assistir filmes era uma viagem, sempre me colocando no lugar dos personagens, sentindo suas dores, alegrias e esperanças. Ainda as paisagens, os lugares, a história. Giovanna Bartucci, citada por Rainone (2007, p. 80)³, tece algumas considerações a respeito do espectador e o filme, em sua antologia sobre estéticas da subjetivação: “o cinema está diretamente relacionado com o desejo, com o imaginário, com o simbólico, se utiliza de jogos de identificação e de mecanismos que regulam nosso inconsciente e nosso psiquismo”. Acredito que essas ligações (com situações passadas, projeções e sonhos) se faziam quando assistia a algum filme no cinema. Outro apontamento que encontrei em Rainone (2007), com o qual me identifico na relação com o cinema, é de que a obra cinematográfica é única a cada espectador: “a história do espectador está presente quando este assiste a obra”. Quando uma paisagem pode ser captada e transformada por aquele que dela se apropria. Esta pluralidade, que é própria ao cinema, remete à

3 Rainone (2007) utiliza a contribuição de Giovanna Bartucci, organizadora da obra *Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação*, publicada no ano 2000, pela Editora Imago, em seu texto “Psicanálise e estéticas de subjetivação”.

capacidade de fazer-se múltiplo e, ao mesmo tempo, indivisível, capturando o espectador, instigando-o. O cinema tem poder propositivo, diz Rainone (2007, p. 83).

Ir ao cinema, assistir a um filme em uma sala de cinema ainda é, para mim, lugar disponível e escuro de conexões entre história contada e história vivida. Em relação aos curtas-metragens, também tenho uma história: a de assistir curtas na televisão, algo rápido, que permite identificação e desmanchamento. Curtas que têm relação com o cotidiano, determinada época, algum lugar (às vezes, algum lugar que eu costumava frequentar). Foi assistindo a curtas-metragens que me deu vontade de também fazer isso um dia, considerando que uma das coisas que me mobiliza é ouvir e fazer histórias que contribuam para realizar os desejos das pessoas, ver sonhos grandes ou pequenos se realizarem. Lembro que, na infância, minha avó contava sua história da Carochinha (enxergo até hoje algumas cenas da sua história), pois ela costumava vir até nossa casa e deixava doces para os seus netos. Ou ainda, na adolescência, quando me interessava por algum garoto e pensava nas possibilidades de aproximação, imaginava toda a história, o encontro, diálogo, lugares. Narrar, ouvir narrativas, deprender narrativas me encantava.

Cresci, entrei para a universidade, cursei Serviço Social. Meu primeiro trabalho após a formatura na graduação foi com saúde mental, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) do município de Canoas/RS. Trabalhando na Apae, surgiu a oportunidade de trabalhar com oficinas. Entre elas, a oficina de papel reciclado, acompanhada por um artista plástico. O trabalho foi encantador, aprendizagem da técnica de manufatura de papel, processo coletivo, onde os jovens, um artista plástico, uma monitora e duas profissionais da equipe técnica, eu e uma colega, que acompanhávamos todo o processo de manufatura de papel. O fazer coletivo, no qual, juntos, profissionais técnicas da Apae e oficinandos, íamos descobrindo habilidades e desejos, em busca de autonomia e protagonismo.

A singularidade e o percurso de cada um estavam sendo considerados, no trabalho com a oficina, percebíamos o quanto os jovens provocavam uns aos outros com perguntas e afirmações em relação ao processo coletivo de fazer papel, conseguiam auxiliar os colegas, mostrar suas habilidades, víamos o quanto isto os tornava mais confiantes.

Identificamos, no processo, abertura para novas possibilidades de vida. Ainda na oficina, realizamos, sob orientação do artista plástico Zezé Krombauer, uma instalação na Casa de Cultura da antiga Estação Canoas. Todas as pessoas envolvidas na oficina, jovens e técnicos, participaram da obra. Os jovens saíram da Apae para mostrar sua arte em uma instalação na cidade. Isso me mobilizou muito, tive muito prazer em fazer arte com os jovens e apresentá-la na cidade. Tem algo que não sei exatamente do que se trata, mas que acredito estar na arte: a liberdade e a possibilidade de experimentação, como diz Renato (ator social da cultura no meu estudo), a possibilidade do improvisado e do erro é a própria obra. Pescuma (2013) nos fala sobre o “artista” como “experimentador”: “cada vez mais se volta ao processo criativo e operacional, em que a obra confunde-se com sua preparação”. Pescuma diz que, “como numa ação efêmera, uma invenção de táticas e gestos os mais variados, absurdos até, para liberar forças da vida aprisionada pelos poderes”, fazem com que “os tempos diversos se comuniquem através das estranhas alianças” (p. 54). Já pensei que, algumas vezes, o trabalho movimenta as pessoas; outras vezes, o amor; mas, buscando a alegria e outras sensações, com o frio na barriga, tenho acreditado na arte realizada de forma coletiva, talvez lembrando os tempos de Apae ou, quem sabe, os outros tempos em que se construiu minha história. Bastos (2009) escreve sobre a singularidade, a partir de Freud, dizendo que o singular é próprio de cada indivíduo, vai se construindo em sua história pessoal. O desejo estaria ligado à singularidade que compõe cada história de vida, cada narrativa de si.

Em janeiro de 2005, comecei a trabalhar no Grupo Hospitalar Conceição (GHC) e, em 2010, no Consultório de Rua (CR) desta instituição. O trabalho do Consultório de Rua iniciou como proposta da Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, ligada ao Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, do Ministério da Saúde. Em 2011 passa para o Departamento de Atenção Básica, ambos departamentos da Secretaria de Atenção à Saúde, do Ministério da Saúde. Modifica-se o nome para Consultório na Rua. Este novo serviço, ainda em 2010, apresenta uma proposta diferenciada dos serviços sanitários mais tradicionais, como as Unidades Básicas de Saúde (UBS). Sua proposta inicial era a de atendimento à população em situação de rua, prioritariamente crianças e adolescentes, considerando a “intensificação, ampliação e diversificação das ações

orientadas para prevenção [de doenças e agravos], promoção da saúde e redução dos riscos e danos sociais e à saúde” (BRASIL, 2010, p. 5). Iniciando o projeto do CR no GHC em 2010, tive a oportunidade de pensar, em conjunto com a equipe, as possibilidades de atuação nos espaços da rua, compondo referencial teórico e prático. O Ministério da Saúde propunha, entre suas ações, atividades lúdicas, cuidados básicos de saúde e oficinas de educação em saúde, além da articulação em rede intersetorial. Considerando a possibilidade de ações lúdicas e a perspectiva intersetorial, as ações da equipe eram pensadas e planejadas também neste âmbito.

Em 2010, por meio da Rede de Pontos de Cultura e Saúde do GHC, o Ponto de Cultura *Ventre Livre*, localizado na Vila Jardim, próximo as Unidade de Saúde Divina Providência e Barão de Bagé, do Coletivo *Catarse de Comunicação*, oferece em sua programação oficinas de audiovisual para trabalhadores da saúde. Eu e uma colega do Consultório de Rua participamos da oficina, em conjunto com trabalhadores de outras unidades básicas, serviços de saúde mental e um usuário do serviço de oncologia do Hospital Nossa Senhora da Conceição (HNSC), um jovem músico, que soube da oficina e solicitou à coordenação do Ponto de Cultura uma vaga. Sua solicitação foi acolhida e o jovem iniciou a oficina em conjunto com os trabalhadores do GHC. Minha proposta, ao iniciar a oficina, era a de aproximação e experimentação em relação à produção artística, realização audiovisual e também de utilização desses recursos no espaço da rua, aproximando cultura e arte em uma espécie de “educação da saúde” (ensinar e aprender saúde pelas/com linguagens da cultura e da arte). Entendo o audiovisual, a fotografia⁴ e o uso de imagens, por exemplo, como possibilidade de produção artística e de vida, expressando nossa cultura, memória, histórias, singularidade, desejos, descobertas e redescobertas.

Sobre audiovisual, Betts, Rainone e Spohr (2012, p. 133) trazem considerações importantes sobre como “a imagem é capaz de propiciar ao sujeito outra visão de si, a possibilidade de se olhar por outro ângulo, proporcionando que, mesmo desorganizado, fragmentado, (...) possa se experimentar, na imagem, mais inteiro”. Para os autores, que

⁴ Minhas fotografias de Renato, seu apartamento-atelier, algumas de suas obras e artesanato foram inseridas nessa dissertação sob a forma de mosaicos imagéticos e permitem “ver” um pouco mais do aqui escrito/relatado.

falam em especial da fotografia, a imagem compartilhada retorna desde fora, abre uma conversa, abre seus sentidos: “sendo muitas vezes ressignificada pelo olhar compartilhado do grupo”.

Conversamos com o pessoal da equipe do Ventre Livre, que estava organizando a oficina, e iniciamos a formação. Eram quatro grupos e o nosso era composto por seis pessoas, eu e uma colega da equipe do Consultório de Rua, uma trabalhadora da Unidade Hospitalar Cristo Redentor, outra trabalhadora administrativa do Serviço de Saúde Comunitária, um usuário e uma trabalhadora do Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas (CAPS ad). Tivemos como proposta a realização de um curta-metragem sobre redução de danos. Três trabalhadoras de saúde e um usuário com história familiar relacionada à dependência química e sofrimento psíquico: as histórias se cruzando, singularidades e desejos aflorando. Todos mobilizados por fazer algo com arte. Um dos resultados de nossa aprendizagem foi o documentário “Pedras no Caminho”, que conta com o depoimento de quatro pessoas que, em algum período de suas vidas, foram dependentes de substâncias psicoativas; um dos jovens, usuário de crack. “Pedras no Caminho” foi apresentado em alguns espaços de formação, como seminários, aulas, cursos de extensão e especialização ligados principalmente à saúde mental. Em conjunto com o pessoal do Ponto de Cultura Ventre Livre, do Coletivo Catarse de Comunicação, foi possível realizar um trabalho de informação e formação, onde artistas, usuário e trabalhadores, aprenderam uns com os outros.

Aprendizagem “e” criação. Escrevendo sobre a experiência, enxergo melhor sobre o quanto a simples organização de uma oficina com trabalhadores que trazem diferentes histórias e lugares, integra e compõe diversidades. Formamos um grupo diverso, com afinidades em relação ao tema do álcool e outras drogas. A partir deste encontro, com a orientação dosicineiros, fomos construindo e executando uma proposta artístico-cultural em interface com a saúde. Uma descoberta desafiadora, conhecendo pessoas, aprendendo e construindo coletivamente.

CULTURA E SAÚDE

Minha trajetória pessoal – a experiência na Apae, a experiência no CR e realização dos curtas-metragens – e a trajetória de Renato, ator social protagonista desta pesquisa (que aos poucos trarei em conversa) se cruzaram na interface cultura e saúde. Foi relevante, em meu cotidiano de trabalho, encontrar com Renato. Ele me provocou com o desejo de desenvolver um trabalho de pesquisa em Educação, que promovesse informação e conhecimento à saúde sobre a cultura, tendo em vista a “produção” da vida. Problematizo o referencial da saúde com a contribuição da cultura. Nesse sentido, constato a emergência de vetores por onde realizar uma “educação da saúde” *necessária*, uma vez que se queira profissionais e serviços abertos à criação na atenção em saúde, isto é, orientados à qualidade da vida em uma prática de apoio às melhores possibilidades do viver bem (singular a cada usuário). Encontro em Guattari e Rolnik (2011) a sinalização de três sentidos para a palavra cultura na sociedade: cultura como “um valor” que segrega quem a tem ou não, segundo o pertencimento a meios cultos ou meios incultos; cultura como “alma coletiva”; sinônimo de civilização, tratando de identidades culturais; e, por fim, o entendimento que corresponde à “cultura de massa, objetos semióticos e seu mercado”. São bens, equipamentos, pessoas (especialistas) que contribuem para a produção de objetos semióticos, com a proposta de difundir e produzir mercadorias culturais. A produção de meios de comunicação de massa gera força coletiva de controle social por meio da produção de subjetividade⁵, inclusive a capitalística (produção industrial que se dá em escala internacional). Segundo os autores, os três sentidos de cultura “apareceram sucessivamente no curso da história, e continuam a funcionar simultaneamente” (p. 25).

Vejo os “Pontos de Cultura” (formulação que a seguir detalharei), pelos quais meu ator

5 Produção de subjetividade nos termos de Félix Guattari e Suely Rolnik (2011, p. 387): não encarada como coisa em si, essência imutável, esta ou aquela subjetividade depende de um “agenciamento de enunciação”, produzi-la ou não. Exemplificam: “o capitalismo moderno, através da mídia e dos equipamentos coletivos, produz, em grande escala, um novo tipo de subjetividade”. Então, explicam: “atrás da aparência da subjetividade individuada, convém procurar situar o que são os reais processos de subjetivação”.

social circulou e circula, como territórios que fogem dessa “cultura capitalística”. Lugares abertos para o novo, onde grupos sociais, por meio da pintura, da música, da realização audiovisual, do artesanato e de um programa de rádio, operam objetos semióticos, interação e redes de cultura e saúde. No Ponto de Cultura Ventre Livre, moradores do bairro tiveram e têm espaço para expressar ou informar seus desejos, intenções e ações. O protagonismo como proposta e espaço para atitudes, iniciativas e erros, a experiência se constituindo como verdadeira possibilidade de experimentação. No experimento, o coletivo, a inclusão.

Na Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 2007, Expressões Culturais são conceituadas como “aquelas expressões que resultam da criatividade de indivíduos, grupos e sociedades, que possuem conteúdo cultural”. Busco em diversos autores o entendimento em relação à saúde. Aproximo-me de Almeida Filho (2000) e Ayres (2007) pela indicação da saúde como qualidade “de” e “da” vida e a cultura como modo de habitar a vida, abrindo possibilidades para que a vida se mostre. Com essa perspectiva, venho construindo, ao longo das leituras e da escrita, o entendimento de saúde e cultura em meio aos movimentos de vida e construção de práticas sociais. Enxergo as pessoas a partir de uma perspectiva integral, observo o quanto os movimentos que envolvem saúde e cultura podem produzir novas subjetividades, ações, vivências e transformação.

Em Almeida Filho (2000), a saúde “transcende a perspectiva de adaptação, superando a obediência irrestrita ao modo de vida estabelecido”. Para o pesquisador, a saúde “é mais que isso, na medida em que se constitui justamente pela transgressão de normas e pela transformação das funções vitais” (p. 23). De fato, a partir de Canguilhem (1990), saúde corresponderia a uma ordem implicada tanto na esfera biológica da vida, quanto ao modo de vida. Segundo Almeida Filho (2000), “como produto-efeito de um dado modo de vida, saúde implica um sentido de poder enfrentar a força da enfermidade, funcionando, assim, como seguro social implícito contra os riscos” (p. 126). Almeida Filho está usando o referencial de Georges Canguilhem, filósofo e médico, que situa a produção da existência e a emergência das normas da vida como saúde. Acredito que a cultura pode fazer com

que possamos nos movimentar em direção a essa “potência”.

Em Ayres (2007, p. 50), também encontramos algumas considerações sobre a saúde e as possibilidades de vida. Para o autor, saúde não se refere às regularidades dadas e que nos permitem definir um modo de fazer algo. A saúde diria respeito à própria busca de algo fazer. Explica-nos que “estamos sempre em movimento, em transformação, em devir”. Assim, uma vez que somos finitos no tempo, não teríamos “a possibilidade de compreensão da totalidade de nossa existência, individual ou coletiva”, estaríamos sempre, “a partir de cada nova experiência vivida, em contato com o desconhecido e buscando reconstruir o sentido de nossas experiências”. Lembra-nos, então, que “o contínuo e inexorável contato com o novo desacomoda-nos e reacomoda-nos ininterruptamente no modo como compreendemos a nós mesmos, nosso mundo e nossas relações”.

Discussões recentes na antropologia, conforme Backes, Rosa, Fernandes et al. (2009, p. 115-116), questionam o domínio do modelo biomédico para conceber a saúde e a doença, introduzindo uma noção de processo psicobiológico e sociocultural. Para tais abordagens, “a doença não é vista como um processo apenas biológico/corporal, mas também como o resultado do contexto cultural e a experiência subjetiva de aflição”. As autoras desafiam os trabalhadores da saúde ao afirmar que precisamos “principalmente, superar o modelo biomédico de assistência à saúde, centrado na doença e voltado para o diagnóstico e a terapêutica”. Segundo as pesquisadoras, a superação do tecnicismo e das relações impessoais viria do investimento em um “novo modelo de atenção, focalizado na promoção da saúde, levando em conta todas as dimensões do ser humano”, referindo as dimensões biológica, psicológica, social, cultural e histórica. Sugerem a consideração da diversidade cultural do nosso país para melhorar “a qualidade da assistência à saúde dos indivíduos, respeitando as suas singularidades e particularidades”.

Segundo Guattari e Rolnik (2011, p. 29-30), a cultura é também uma maneira de agenciar outros modos de produção semiótica de maneira a possibilitar a construção de uma sociedade que se mantenha em pé. Consigo enxergar, por meio de minha trajetória e a partir do que vivenciei na realização dos audiovisuais, a possibilidade de produção

artística cultural “no bairro”, por meio de Pontos de Cultura como potência, contemplando singularidades e a intersectorialidade, no que se refere ao papel das políticas públicas ou de Estado. O desenvolvimento de nossos saberes a partir de um modo solidário, coletivo, autônomo, compartilhando saberes e relações sociais na direção em que Guattari e Rolnik questionam. Perguntam os autores: “como fazer com que a música, a dança, a criação, todas as formas de sensibilidade pertençam de pleno direito ao conjunto dos componentes sociais?” Desafiam-nos: “como abrir, e até quebrar, essas antigas esferas culturais fechadas sobre si mesmas?” Convocam-nos: “como produzir novos agenciamentos de singularização que trabalhem por uma sensibilidade estética, pela mudança da vida num plano mais cotidiano e, ao mesmo tempo, pelas transformações sociais em nível dos grandes conjuntos econômicos e sociais?”

Pontos de Cultura podem ser espaços onde as pessoas têm “abrigo” para se expressar e falar de suas necessidades de modo criativo. Sob essa perspectiva é que percebo o percurso de Renato. Penso que é hora de colocar em cena tais bases: os Pontos de Cultura e a saúde de Renato, artista e artesão. A saúde que Renato quer, defende, precisa.

PONTOS DE CULTURA E A REDE NACIONAL DE SAÚDE E CULTURA

Em 2007, ocorreu a Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas em Sofrimento Mental e em Situação de Risco Social, organizada por Paulo Amarante, da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp), e Ricardo Lima, do Ministério da Cultura (MinC). A oficina reuniu dirigentes públicos, professores, alunos, pesquisadores, artistas, produtores culturais, profissionais e usuários envolvidos em projetos culturais na área da saúde mental e outros segmentos da sociedade. Ainda em 2007, é celebrado acordo entre os Ministérios da Saúde e da Cultura, levando ao lançamento de um Edital para a premiação de iniciativas com ações socioculturais relacionadas à promoção da saúde e educação popular.

Em outubro de 2010, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Secretaria Nacional de Cidadania Cultural (atualmente, Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural), do Ministério da Cultura firmou novo Acordo Amplo de Cooperação Técnica. Entre outros, a proposta deste, por meio da análise de dados de instituições selecionadas e/ou premiadas em 2008 e 2010, foi o plano de trabalho para uma “Rede Saúde e Cultura: promovendo inclusão e qualidade de vida”, reunida pela primeira vez em janeiro de 2011. O acordo envolvia o fortalecimento da “articulação intersetorial das políticas públicas de saúde e cultura, dentre outros setores, voltadas para valorizar a diversidade cultural, fortalecer a participação social, combater as desigualdades e injustiças sociais e promover a qualidade de vida” (KÖPTCKE, 2012, p. 13). O Acordo resultou de tratativas de fortalecimento da articulação entre Saúde e Cultura, que já vinham sendo construídas por profissionais das duas áreas há várias décadas.

Entre os objetivos da Rede Saúde e Cultura estava a promoção de projetos, ações e programas que articulassem os dois campos de produção de conhecimentos e práticas, a promoção de experiências de formação entre os participantes dos dois setores de políticas públicas e os movimentos sociais dos dois cenários para a atuação nos determinantes sociais e culturais da saúde, qualidade de vida e inclusão social, em consonância com o Programa Cultura Viva. Também estava entre os objetivos da Rede Saúde e Cultura a promoção de relações cooperadas na gestão, produção de conhecimento e desenvolvimento de práticas em saúde e cultura.

Em 2012, ocorreu o II Encontro Nacional da Rede Saúde e Cultura, no Rio de Janeiro. Apresentando uma longa caminhada, a Rede Saúde e Cultura ainda é inicial: “o objetivo da Rede é promover inclusão e qualidade de vida, com vistas a apoiar sua ampliação e a sustentabilidade de ações integradas da Cultura e da Saúde”. As ações integradas e intersetoriais têm promovido uma troca maior e o diálogo “entre os conhecimentos tradicionais da diversidade cultural e aqueles oriundos dos saberes científicos, alargando o entendimento comum sobre a saúde e a cultura” (KÖPTCKE, 2012, p. 5).

A Rede de Saúde e Cultura conta com cinco eixos de atuação, sendo eles:

- I. Investigação e Construção de Conhecimento.
- II. Educação.
- III. Mobilização, articulação e *advocacy*.
- IV. Informação e Comunicação.
- V. Registro e Memória.

A caminhada é longa e se constitui entre muitos parceiros da educação popular em saúde, a política nacional de saúde mental, a política nacional de humanização da saúde e a política nacional de cultura.

O Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura (MinC), foi iniciado em 2004, quando o ministro da cultura, Gilberto Gil, convidou Célio Turino a pensar uma proposta com o objetivo de potencializar iniciativas já existentes e formar uma rede cultural nos diversos territórios do país, na perspectiva da democratização da cultura e da democratização do acesso à cultura, retomando com a população o que é da população, a arte e cultura local, por muito tempo, segundo Turino, “silenciada por empresas privadas”. Turino, em seu livro “Ponto de cultura, o Brasil de cima para baixo”, diz que Ponto de Cultura é um conceito, “um conceito de autonomia e protagonismo sociocultural”. Quanto à dimensão da arte, iria “além da louvação de uma arte ingênua e simples, como se ao povo coubesse apenas o lugar do artesanato e do não elaborado cânone do bom gosto”. Diz, então, que “pelo contrário, busca sofisticar o olhar, apurar os ouvidos, ouvir o silêncio e ver o que não é mostrado” (TURINO, 2009, p. 15). A proposta de Pontos de Cultura, potencializando iniciativas locais (populares, de bairro, de periferia), foi de ampliar os espaços possíveis nos territórios de vida, ofertando e desenvolvendo ações de arte e cultura em cada localidade, construindo possibilidades de memória e expressão com a comunidade, tendo como tripé conceitual “autonomia, protagonismo e empoderamento”.

Com os Pontos de Cultura, no Programa Cultura Viva, foram pensadas quatro ações: *Cultura Digital*, *Agente Cultura Viva*, *Escola Viva* e *Ação Griô* (recuperação das tradições da oralidade). O Programa, mediante financiamento do Ministério da Cultura, visa às entidades ou organizações que concorrem aos recursos por intermédio de Edital público.

O “Agente Cultura Viva” é subprograma como os de Iniciação Científica e Iniciação à Docência, mas destinado aos jovens estudantes do ensino fundamental interessados na atuação como multiplicadores culturais nos Pontos de Cultura, estimulando ações que promovam a geração de emprego e renda na própria comunidade, recebendo, por 12 meses, uma bolsa equivalente às de ciência e docência. Cada Ponto de Cultura poderia contar com até quatro vagas. Apesar do recurso não ser muito, a aposta do Programa era “colocar dinheiro na comunidade”. Turino acompanhou a implantação do Programa Cultura Viva em todo Brasil e trouxe como questão a dimensão ética dos Pontos de Cultura, relativo ao compromisso com a população. A apropriação do povo, a história local, a memória, as expressões e criações artísticas do lugar. Como proposta do Programa, também a formação de redes e a troca de experiências entre os Pontos de Cultura de outras cidades, estados e países foi fomentada.

Os Pontos de Cultura têm a proposta de agregar saberes, aproximar diversidades, promover encontros e espaços onde as pessoas se percebam como sujeitos históricos e agentes de sua própria transformação (TURINO, 2009). A valorização da cultura acolhe diversidades, empodera a comunidade e promove coletivos. O espaço de potência da cultura local (olhar para a cultura local é olhar para as pessoas que vivem ali, seus gostos, seus hábitos), onde os saberes coletivos e individuais são reconhecidos, abrindo possibilidades de expressão, confiança e invenção, novos modos de fazer, novos modos de ser.

Em 2014, vale ressaltar, foi sancionada a Lei Federal nº 13.018, em 23 de julho, que transformou o Programa Cultura Viva (Programa Nacional de Promoção da Cidadania e da Diversidade Cultural) em uma política pública de obrigação do Estado, independente das alternâncias de governo. A intenção é de construir um Sistema Nacional de Cultura e estabelecer a gestão compartilhada do Programa Cultura Viva entre a União, estados e municípios. O principal instrumento de aplicação da Lei são os Pontos de Cultura. Os Pontos de Cultura, articulados em redes regionais e temáticas compõem os Pontões de Cultura. A Lei prevê o Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura para Pontos e Pontões certificados pelo Ministério da Cultura (BRASIL, 2014).

Tenho observado, estudado e vivido situações onde identifico, na arte, a provocação ao encontro, ao exercício da liberdade e à autonomia. Segundo Osório (2011, p. 216-217), “a arte não é política pelo que ela diz, mas por comprometer o espectador a ter que sentir e dizer por conta própria e, assim, assumir-se como corresponsável pela invenção e disseminação de novos sentidos para a arte e para o mundo”. Osório nos lembra que pelo fato “deste sentido não estar dado e poder ser de muitas maneiras é que nos permite ler a autonomia como a garantia de um território experimental”. Sobre Pontos de Cultura e a proposta de trabalho em rede, há componentes que podem ser tomados isoladamente e como pontos de um conjunto que se subdivide em outros pontos. Conforme Turino (2009, p. 176), “esses mesmos elementos isolados, quando somados, multiplicados ou potencializados podem formar novos conjuntos. Conjuntos que formam um sistema”. Para o autor-animador cultural, então, “quando o sistema pulsa, forma-se um sistema vivo”, e este seria o conceito de rede que se exercita com os Pontos de Cultura.

Com recursos do Fundo Nacional da Cultura (FNC), eixo Formação, Pesquisa e Capacitação no Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural, o Ministério da Cultura concede recursos financeiros, por meio de cursos, residências artísticas, seminários, debates, pesquisas, oficinas, palestras ou exposições de trabalhos, para artistas, gestores e agentes culturais, cujo objetivo é promover a troca de conhecimentos e experiências (circo, teatro, artes visuais, audiovisual, música, dança, literatura, performance e afins, incluindo exposições e exhibições;) com duração de no máximo 12 meses, podendo ser desenvolvidas modalidades artísticas nos Pontos de Cultura.

Em 2008, o Grupo Hospitalar Conceição realizou um acordo com o Ministério da Cultura, propondo-se a uma Rede de Pontos de Cultura e Saúde. Naquele ano, foi lançado Edital pelo próprio GHC para “entidades públicas e privadas, sem fins lucrativos, que atuassem no campo sociocultural com promoção da saúde, prevenção de doenças e educação popular para o cuidado/autocuidado em saúde” (NESPOLO, DUARTE, FERREIRA et al., 2014, p. 1238). Para a Rede de Pontos de Cultura e Saúde, foram selecionadas dez entidades prioritariamente na região do Grupo Hospitalar Conceição. Segundo Nespolo, Duarte, Ferreira et al. (2014, p.1237-46) estava formada a primeira experiência (piloto) de uma rede de Pontos de Cultura e Saúde. Uma das peculiaridades da proposta era de que o

Ponto de Cultura estivesse ligado a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), preferencialmente no território de abrangência do Serviço de Saúde Comunitária (SSC), e que o desenvolvimento do projeto ocorresse em conjunto com os trabalhadores das UBS. Em relação às articulações e propostas desenvolvidas com os Pontos de Cultura, neste trabalho serão abordados, mais especificamente, o “Falando a Gente se Entende” e o “Ventre Livre”.

O Ponto de Cultura “Falando a Gente se Entende” está localizado no bairro Rubem Berta, ao lado de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) municipal e próximo à UBS Leopoldina (do GHC). A Associação de Moradores correspondente a esta comunidade acolhe crianças, jovens e adultos, tem uma escola infantil, oferece cursos de costura e informática e possui uma rádio comunitária. Foi por meio do Programa Cultura Viva que se contou com Pontos de Cultura na região onde Renato reside e onde se encontra o GHC. Os Pontos de Cultura são o Falando a Gente se Entende e o Ventre Livre, locais que acolheram Renato, abertos a seu processo de empoderamento, produção artística e reinserção social.

A rádio comunitária tem dois programas nos quais trabalhadores, residentes vinculados a serviços de saúde estão envolvidos. Um é o programa “Saúde na Comunidade”, realizado por uma médica da UBS Leopoldina, profissionais de saúde, estudantes de graduação, residentes médicos e residentes em área profissional da saúde. Ocorre semanalmente e trata de discutir temas relacionados à educação popular em saúde. O programa entrevista convidados e conta com a participação de conselheiros de saúde, usuários e pessoas do bairro que desenvolvem práticas populares de saúde, discutindo e problematizando temáticas de saúde que abrangem a realidade local. (MELLO, 2012). Outro é o programa “Quartas Intenções”, criado em outro contexto, em 2010, por residentes do campo da saúde mental, trabalhadores dos serviços de saúde mental do GHC e comunidade. Este último tem uma proposta de envolvimento e criação coletiva considerando singularidades. Neste programa, Renato faz o quadro Papo Filosófico, lendo algum filósofo e provocando uma conversa. Hoje, o programa conta com a participação de profissionais e usuários de diferentes serviços de saúde da cidade de Porto Alegre.

Para o início do trabalho, segundo Lewis, Guadagnin, Carvalho e Pasini (2013, p. 103-104),

foram organizadas oficinas, nas quais os participantes pensaram que o objetivo do programa não seria falar de psicopatologia, diagnósticos ou condutas, mas de situações do cotidiano. A proposta iniciou intercalando planejamento e programas quinzenais gravados, hoje é semanal e ao vivo. Conforme as autoras, as ações desenvolvidas no Quartas Intenções buscavam articular saúde e cultura, segundo o disposto na Política Nacional de Humanização, com ênfase em uma noção de ampliação da abordagem clínica, uma vez que buscava “otimizar as potencialidades do sujeito em sua rede social e não limita[r] (...) ações ao diagnóstico e à doença”.

O Ponto de Cultura Ventre Livre está ligado ao Coletivo Catarse de Comunicação. Atualmente, está localizado na Vila Jardim, próximo às UBS Divina Providência, SESC e Barão de Bagé. Tem como proposta o desenvolvimento de ações artístico-culturais, por meio de oficinas, performances e apresentações artísticas na comunidade da Vila Jardim. No período em que este Ponto de Cultura foi conveniado e dispunha de recursos financeiros, foram realizadas oficinas de fotografia na lata, música, teatro, apresentações de peças teatrais na rua, shows musicais e malabares, entre outros. Em 2011, o Ponto ofertou Oficina de Audiovisual para trabalhadores da saúde. Participaram da oficina trabalhadores de diversas categorias profissionais e um usuário do serviço de oncologia do HNSC, conforme anteriormente citado. Estive inserida no grupo de trabalho para a realização do curta-metragem “Pedras no Caminho”. Posteriormente à oficina de audiovisual, o Ponto de Cultura Ventre Livre participou de edital para realização de curtas-metragens e convidou algumas das ministradas trabalhadoras da saúde para a concretização da proposta. Um dos curtas produzidos chamou-se “Novas Estruturas”, nome emergente da narrativa de Renato, retratada como vídeo-documentário. Renato participou do lançamento deste vídeo-documentário durante o X Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, realizado em Porto Alegre, comentando sua motivação e participação.⁶

6 A coleção de 6 filmes produzidos no Ponto de Cultura Ventre Livre, projeto do Coletivo Catarse, em oficinas de produção audiovisual pode ser assistida em seu sítio eletrônico na Internet: <<http://coletivocatarse.com.br/home/colecao-ventre-livre/>>.

RENATO: ARTISTA E ARTESÃO NA REDE LOCAL DE SAÚDE E CULTURA

Renato é um jovem artista, artesão e músico, morador da região norte da cidade de Porto Alegre, usuário do Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas. É uma pessoa a quem os profissionais dos serviços de saúde do GHC, em geral, querem conhecer por aquilo que ele faz em relação à produção artística e provocações filosóficas. É uma pessoa que circula pela rede de serviços de Saúde Mental, busca e aceita desafios, para além dos espaços que frequenta habitualmente. Convidamos Renato para participar do Sarau de Saúde Mental em maio de 2011, expondo seu artesanato e pintura. Prontamente ele se organizou e estava lá, no Ponto de Cultura e Incubadora Cultural Odomodê (Instituto Sociocultural Afrosul), expondo seu trabalho. Uma pessoa que fala de si e sobre a vida de uma forma profunda. Renato faz brincos, anéis e pulseiras em artesanato de arame e pedras. É músico, toca *jazz* e música improvisada, também faz pintura com tinta acrílica. Entre outras coisas, reproduz e cria na arte e no artesanato. Gosta de ler, pensar sobre as coisas, principalmente filosofia e há algum tempo participa do Programa de Rádio Quartas Intenções, onde apresenta o quadro Papo Filosófico (lendo e interpretando trechos de livros de filósofos e poetas).

O que talvez possa chamar atenção em relação a Renato é que ele “circula” na cultura pela arte popular e erudita, artesanato, literatura e rádio comunitária. É também compreendido pelo intermédio do seu artesanato, mas causa estranhamentos e provocações por sua música e reflexões. Pouco tempo após a conclusão do curta-metragem “Pedras no Caminho”, surgiu um Edital do Laboratório Cultura Viva, da Escola de Comunicação e Artes – ECA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, com recursos para realização de quatro curtas. A equipe de trabalho do Ponto de Cultura Ventre Livre, que realizou a Oficina de Audiovisual, nos convidou para um projeto. Do nosso grupo, embora todos tenham sido convidados, apenas três pessoas tiveram condições de participar. O Laboratório Cultura Viva (realizado sob a coordenação da ECA/UFRJ) é um projeto de apoio e fomento à produção audiovisual dos Pontos de Cultura, fruto exatamente de desdobramentos do Programa Cultura Viva, funcionando

pela parceria com a Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural, do Ministério da Cultura⁷. Uma “história” foi articulada para a produção em audiovisual, a “narrativa de si”, oferecida por Renato, ao curta-metragem “Novas Estruturas”.

Encontrei Renato no portão do prédio onde ficava a sede do Consultório de Rua. Cumprimentamos um ao outro, conversamos alguma coisa como: "Olá! Então, como está?, O que andas fazendo?". Na conversa, ele comenta um desejo: gostaria de realizar algo a partir de suas leituras, de pintar ao som de uma música tocada ao vivo, um improviso musical, emergente do encontro com o pintor e a música, e que isso fosse filmado. Pensei: que ideia genial! Contribuir para colocar um desejo de arte em prática me encantou. Renato já havia falado de seu desejo para a colega que estava comigo na oficina de formação, trabalhadora no Centro de Atenção Psicossocial. Nesse período, surge o edital do Lab Cultura Viva e o convite do coletivo do Ponto de Cultura Ventre Livre para compormos o grupo de trabalho e realizarmos juntos os curtas metragens. Eu e duas trabalhadoras do GHC que fizemos a oficina, aceitamos o convite. Com o pessoal do Ponto de Cultura, agendamos um encontro inicial para conhecermos a proposta, realização de quatro audiovisuais. Realizamos vários encontros discutindo organização, produção e roteiros com a equipe do Ventre Livre. Uma colega e eu lembramos o desejo de Renato de ser filmado, pintando ao som de um improviso ao propormos tal ideia ao grupo. Lembramos que o jovem fazia um quadro no Programa de Rádio “Quartas Intenções”, no Ponto de Cultura “Falando a Gente se Entende”. O coletivo gostou da ideia de acolher o desejo de Renato, então marcamos um encontro com o jovem para formalizar uma proposta.

No encontro, explicamos a possibilidade de realização do audiovisual, a proposta de roteiro incluindo seu desejo, e também nosso desejo de realizar um audiovisual mostrando a trajetória de um artista e seu trânsito em uma rede intersetorial de saúde e cultura. Ele acolheu a proposta. Os próximos passos foram: retorno ao grupo do

7 O Laboratório Cultura Viva tem sido um importante interlocutor dos setores que contribuem para a produção do audiovisual nos Pontos de Cultura, compartilhamento saberes da pesquisa acadêmica. Editais públicos foram lançados por meio do Laboratório, onde concorrentes poderiam contar com financiamento e apoio técnico ou conceitual na produção de documentários e vídeos autorais. O Laboratório se propõe à articulação da rede nacional dos Pontos e Pontões de Cultura e ao aprofundamento das bases de formulação do Programa Cultura Viva (<http://labculturaviva.org/node/489>)

audiovisual e produção das estratégias. Entramos em contato com os responsáveis pelo Ponto de Cultura da Rádio e com o pessoal do Programa Quartas Intenções. Solicitamos um espaço para filmagem do quadro “Papo Filosófico”, apresentado por Renato. O trabalho seguiu com a organização da produção e das filmagens. Filmamos em dois dias. Para o primeiro dia, combinamos com Renato que, no programa de rádio, ele levaria suas pinturas, e em sua primeira entrevista falaria da aproximação que faz entre arte e saúde. O outro dia, no Ponto de Cultura Ventre Livre, seria dedicado à performance artística (com Renato, o jovem artista usuário do serviço de saúde da região, inserido no Programa de Rádio Comunitária com a proposta de pintar sendo filmado ao som de um *jazz* improvisado por músicos de outro Ponto de Cultura), envolvendo pintura, audiovisual e música.

Escrevendo sobre a experiência, consigo enxergar com mais clareza o leque de possibilidades deste processo, desta produção artística composta por trabalhadores de saúde, um artista e usuário do serviço de saúde mental, moradores da comunidade, um músico e artistas visuais. Naquele período, não tinha a dimensão da potência que significava este encontro, pensar e fazer junto. Hoje, os encontros produzidos neste processo ainda têm efeitos sobre mim, que vejo o quanto a produção artística no bairro pode ser coletiva, inclusiva e criativa, uma educação da saúde, bastante viva.

Voltando à produção, a equipe dirigiu-se à rádio comunitária, conforme combinado, para a filmagem no dia do programa. Organizamos com Renato o estúdio da rádio, compondo um cenário com suas pinturas e também explicando a proposta aos participantes do programa que ainda não sabiam claramente da proposta. Iniciamos as gravações, uma entrevista antes do programa, outra com o quadro radiofônico de Renato ao vivo. Em outro dia, no Ponto de Cultura Ventre Livre, Renato levou suas tintas, e o espaço foi organizado conjuntamente, para a pintura, registro audiovisual e trilha improvisada. Marcelo Cougo, músico responsável pela trilha sonora, juntamente com Paulo dos Santos Alcântara se prepara para o som de improviso. A participação do Paulo veio da proposta de Marcelo, do Ponto de Cultura, em convidar um músico morador do bairro (reside próximo ao Ponto de Cultura) para também participar da gravação da trilha de improviso enquanto Renato pintava. Naquele momento, o papel do Ponto de Cultura se cumpria,

sofisticando seu olhar, valorizando o saber individual e oportunizando espaços de criação artística com as pessoas do lugar. Tiago Rodrigues, historiador e artista visual se prepara para registrar as cenas.

MEIO DESTA HISTÓRIA: AUDIOVISUAL NOVAS ESTRUTURAS

A escolha desta história é significativa para mim, pois mostra possibilidades de produção de saúde em conexão com espaços de produção da cultura. Na rádio comunitária, por exemplo, se pode fazer um som e também compartilhar e discutir sobre o que lemos de filósofos clássicos. No Sarau que acontece no Chalé da Cultura/HNSC, há a possibilidade de ler e mostrar produções da oficina de poesia. O encontro com Renato aconteceu na confluência entre saúde e cultura. Um jovem artista que fala de sua história e da potência da arte, artesanato e papo filosófico no seu cotidiano e na produção de sua saúde. Quando partilhamos com Renato a realização do curta-metragem “Novas Estruturas”, foi possível experimentar, por meio da arte e da cultura, possibilidades de transformação em relação à produção de saúde, informando, criando e convidando as pessoas a refletirem sobre o contexto de seu cotidiano.

Em “Loucos pela Diversidade”, registro de Paulo Amarante e Ricardo Lima (2008), sobre a Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para Pessoas em Sofrimento Mental e em Situações de Risco Social, Sérgio Mamberti, então Secretário Nacional da Identidade e da Diversidade Cultural, do Ministério da Cultura, diz que “a produção artística desse segmento, que a cultura e a sociedade excluíram da cidadania cultural, vem sendo considerada um instrumento de mudança” (MAMBERTI, 2008, p. 25). Mamberti assevera: “mudança que vai do sofrimento psíquico ao encorajamento criativo, do confinamento à emancipação, da exclusão ao aplauso”. Embora Renato já fosse artista antes de estar em atendimento no Centro de Atenção Psicossocial, o retorno à produção artística tem lhe ofertado o convívio e a admiração daqueles que o escutam e que veem suas obras.

A partir da experiência com Renato, me surge o questionamento para buscar entender se a produção artística e a inclusão em outros espaços do território como os Pontos de Cultura têm a possibilidade de deslocar seu olhar para si, independentemente da condição de usuário da saúde mental. Essa é a proposta dos trabalhadores da saúde na cultura, a partir desta interlocução, de que as pessoas possam ser reconhecidas por suas

potências, não apenas por sua adesão ou não às propostas de tratamento.

O audiovisual que realizamos coletivamente também mostrou possibilidades para a comunidade em sua região, por intermédio dos Pontos de Cultura. Remeteu trabalhadores de saúde e usuários a inventarem e aprenderem com o audiovisual, com a possibilidade de liberdade e criação. O audiovisual, de outra parte, convocou o pessoal dos Pontos de Cultura a ampliarem olhares a respeito da produção de saúde. O produto final apresentou o resultado de um coletivo de diversidades, com provocações a respeito de arte, cultura e saúde a ser reproduzido em diversos lugares, propondo um delicado incômodo; a possibilidade de fazer arte junto, compondo modos, quebrando regras, encontrando contornos e deixando ser.

Enxergamos os Pontos de Cultura pelos quais Renato passa como espaços que conseguem escutar desejos. Conforme Turino (2009 p. 77), “um Ponto de Cultura só se realiza quando articulado em rede”. O pensador da cultura sugere que “pode haver um trabalho cultural vigoroso na comunidade”, que poderia estar em desenvolvimento com autonomia e protagonismo local, mas que “se não houver predisposição para receber e oferecer modos de interpretar e fazer cultura, se não houver a abertura para ouvir o outro, não será um Ponto de Cultura”. O autor também fala das contribuições e aprendizagens que os Pontos de Cultura podem gerar entre eles, por exemplo, um Ponto que trabalha com mídias como, por exemplo, audiovisual e outro que trabalha com a proposta de rádio comunitária, construindo e trazendo informação na sua comunidade. No trabalho realizado com Renato, esse movimento ocorreu, pois esses pontos e os serviços de saúde mental do território estavam disponíveis e abertos para novas invenções e aprendizagem.

De Renato, detalha-se, a seguir, uma memória do curta-metragem *Novas Estruturas* (alguns frames tirados do curta-metragem foram agregados como ilustração e margem de conexão com o impacto das imagens, uma vez que a força expressiva e comunicativa do curta-metragem depende de sua composição de cenas).⁸ *Novas Estruturas* conta a história de Renato, o artesão e sua arte, sobre uma rádio comunitária e as “novas estruturas” produzidas a partir desses encontros. É Renato quem pronuncia, a partir de si, a emergência de “novas estruturas”, como se fosse uma nova “envergadura interior”. O vídeo teve a direção é de Tiago

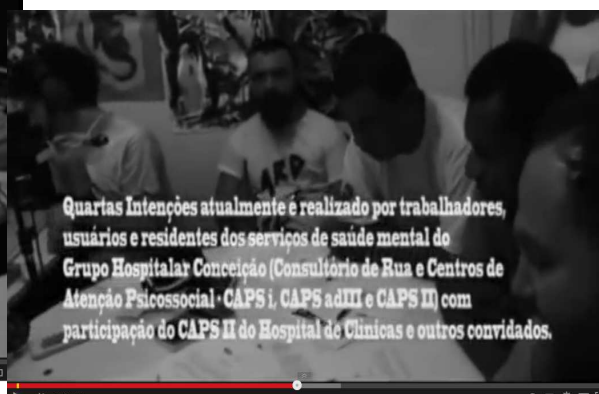
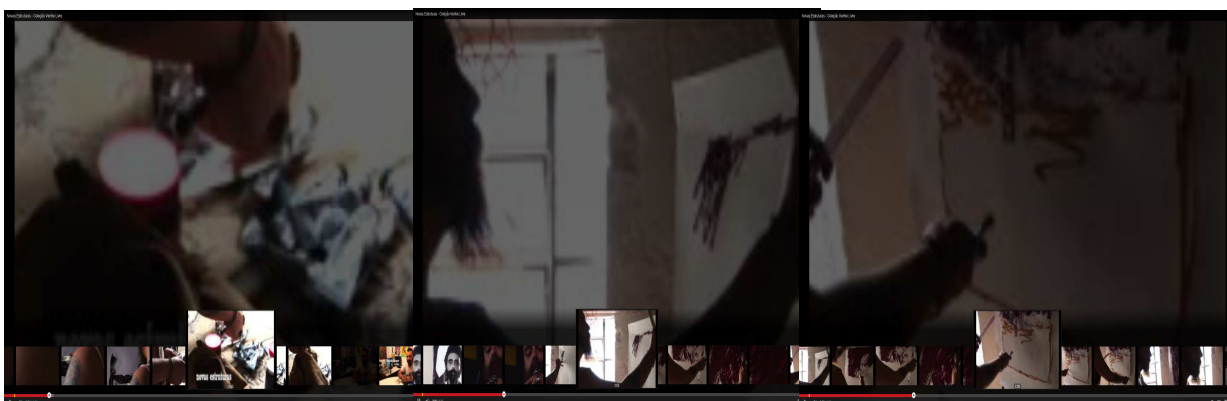
⁸ O documentário completo pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=bwqM_milccQ>.

Rodrigues e Gustavo Türck; produção de Marcelo Cougo e Tiago Rodrigues; roteiro de Gustavo Türck, Tiago Rodrigues e Têmis Nicolaidis; equipe realizadora composta por Ana Lúcia Valdez Poletto, Cláudia Sá e Juliana Cordeiro Krug.



- Cena 1: Renato pintando ao som de um improviso no Ponto de Cultura Ventre Livre (o desejo, o pedido, a escuta).
- Cena 2: Renato escolhendo as tintas.
- Cena 3: Renato no estúdio da rádio sentado à mesa, contando sobre seu processo interno, sofrimento psíquico, depressão, dependência de crack e “quando parou”. Relata que “estava muito desorganizado”.
- Cena 4: Renato, na Rádio, apresenta o “Papo Filosófico”, faz a leitura e os comentários são abertos.
- Cena 5: Relato da entrevista de Renato na rádio. Antes de o programa iniciar, Renato conta como era antes, que “sua voz não tinha som”.
- Cena 6: Ainda no estúdio, antes do programa, Renato conta que é usuário do Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas (CAPS ad) e que está ensinando artesanato no Centro de Atenção Psicossocial Infância e Adolescência (CAPS i).
- Cena 7: Renato relata como chegou ao programa Quartas Intenções, por conta do convite de uma residente de saúde mental.
- Cena 8: Os participantes do programa cantam.
- Cena 9: Renato apresenta no programa de rádio o seu quadro. Diz que deu a ideia e o pessoal aceitou, fala que a organização do programa acontece no coletivo e que também se utiliza do improviso. Renato coloca o improviso numa condição de coragem e ousadia, assim como de leveza e liberdade.

- Cena 10: Renato fala do Programa de Rádio e da intersetorialidade.
- Cena 11: Renato fala da bagagem pessoal para lidar com o novo, o inusitado (história e singularidade).
- Cena 12: Renato pintando com música ao vivo, falando de suas dificuldades / sofrimento, seu modo de viver: perseguidor da vida, artista. Relata a construção em si de “novas estruturas”, uma nova envergadura interior.



Quando nosso olhar para o usuário consegue enxergá-lo em sua integralidade, emerge um ator social com questões emocionais, físicas e artísticas, que tem história, relações de afeto e desafetos, crenças e valores. Renato conta: “são novas estruturas, sair dos lugares físicos e subjetivos que ocupamos. Sair desses lugares físicos e subjetivos nos movimenta para organizarmos, para nós mesmos, novas estruturas”. Esse é o usuário que está compartilhando muitas vezes com o trabalhador de saúde seus saberes, suas dores, medos, angústias e desejos, através do corpo e/ou da mente.

Em Mattos (2001, p. 63), encontramos considerações sobre a “integralidade” como princípio orientador de práticas, como princípio orientador da organização do trabalho e como organização de políticas. A integralidade, acima de tudo, implicaria “uma recusa ao reducionismo, uma recusa à objetivação dos sujeitos e talvez uma afirmação da abertura para o diálogo”. O diálogo, a troca e os saberes com o usuário estarão construindo com o profissional as possibilidades de produção de saúde, muitas vezes até mesmo por meio de espaços e alternativas encontrados na rede intersetorial.

Lendo Pedro Gabriel Delgado no documento de memória e registro de Amarante e Lima (DELGADO, 2008, p. 77), rememoro, com certa vivacidade, este acontecimento. Diz pensar, o autor, que “para o caso da política pública”, teríamos de entender que “devemos incorporar à cultura, o dinamismo de um processo permanente de criação da vida, de criação da vida cotidiana, e nesse sentido, não exclusivamente, produção de bens simbólicos definidos como artísticos ou estéticos”. Em uma de suas falas, Renato revela as possibilidades que encontra com a pintura e a música, mas também a provocação dos residentes para que participasse do programa de rádio, e da trabalhadora de saúde que divulga no serviço a oficina de criatividade no atelier livre da prefeitura.

Em Lima e Pelbart (2007, p. 725), encontramos considerações de Nise da Silveira sobre arte, clínica e loucura, referindo que “ao pintar, o indivíduo não somente expressa a si mesmo, mas cria algo novo, produz um símbolo, e essa produção tem efeitos de transformação tanto na realidade psíquica como na realidade compartilhada”. Na cidade, para além das instituições asilares e serviços de saúde, arte e a cultura operam não com a proposta de diminuir ou acabar com os sintomas, mas com a proposta de, “apesar da

doença”, produzir novas possibilidades de vida e de saúde, novos devires.

O que faz sentido para as pessoas? O que faz sentido para quem trabalha com saúde mental? Como ocupamos e criamos na cidade espaços onde as pessoas tenham oportunidade de expressar seus sentimentos ou fazer algo que lhes faça sentir alegres, desejantes, envolvidas? Carvalho da Silva (2008, p. 58), em sua dissertação de mestrado em Educação, propõe uma Educação do Lugar: "no trabalho de ativador de redes sociais, encontramos a educação, uma educação do lugar, na medida em que abre, nos espaços da cidade, lugares de acolhimento e possível pertencimento para muitas pessoas desalojadas de um lugar no mundo". O que na vida nos ajuda a criar *novas estruturas*? Nesta dissertação nos propusemos a pensar algumas questões a partir da experiência e narrativa de Renato. Em seu acolhimento pela saúde, a relação cultura e saúde e a noção de um território/rede com a saúde, a arte e a cultura local.

A CAMINHO DE UM PERCURSO E SUAS METODOLOGIAS

Às voltas com a formulação da “questão” em torno do tema de pesquisa, muitas coisas me vieram à cabeça: qual seria mesmo a minha contribuição? Será que consigo provocar uma reflexão sobre o tema da Educação da Saúde ou mesmo outro olhar para a formação de profissionais de saúde? Consigo colocar cultura e saúde como questão de pensamento? Por meio da abordagem-intervenção da “escuta de narrativa”, o pesquisador busca conhecer “em meio à vida”. O objetivo de uma escuta-intervenção é o de produzir informações aprofundadas e moventes. Na condição de intervenção uma escuta move saberes em quem pergunta e em quem responde, a enunciação é de ambos. Na medida em que os saberes em movimento são expostos à visibilidade, interpretados ou não, já põem em movimento os saberes dos observadores. Como pesquisa, espera-se que promova novas informações, conhecimentos e práticas. A escolha feita foi a da escuta de

narrativa, utilizando a conversação e a construção de “analisadores temáticos”, isto é, eleição de tópicos para a tematização ou tópicos para pensar, configurando um campo ilustrado de uma compreensão apreendida da experiência.

Renato me fez – e me faz – pensar. Continuo a pensar nas conversas com Renato. Conheço-o há algum tempo (quatro anos, aproximadamente), devido às interações com o Centro de Atenção Psicossocial da rede de saúde onde ele era usuário e eu trabalhadora de saúde (no período da realização do audiovisual compunha a equipe do Consultório na Rua, atualmente participo da equipe do Chalé da Cultura). Ele é usuário do serviço há algum tempo. Neste serviço de saúde mental, em 2010, Renato tinha espaço para pintar e expor seus trabalhos. Neste período, ele também começou a circular na rede de serviços de saúde mental do GHC para a venda de seu artesanato. Nos encontros para mostrar seu trabalho com artesanato, o jovem sempre surpreendia, falando de suas experiências com a arte, a literatura e a filosofia. Conhecer sua trajetória, suas inter-relações vividas entre produção cultural (pintura, música, artesanato e filosofia) e atenção no serviço de saúde mental, assim como conhecer sua presença na rede de Pontos de Cultura me levou à proposta de realizar uma especial e profunda escuta de suas histórias e itinerários por serviços de saúde e na arte e cultura local, configurando uma oportunidade de saber e tematizar a rede de cultura e saúde.

Convidei-o para uma conversa, ele aceitou. Conto sobre minhas pretensões em relação à pesquisa, já ensejando a temática cultura e saúde. Ele aceitou o convite. Nesta conversa, falo sobre o Mestrado e a proposta de conversar sobre sua vida e as conexões entre cultura e saúde. Terminamos com uma combinação: encontros pela cidade para dar continuidade à conversa e apresentação dos questionamentos que venho me fazendo sobre atenção à saúde e pontos de cultura. Combinado um café!

Segundo encontro: o segundo encontro aconteceu em frente à Faculdade de Educação, o café resultou em um almoço. Visitamos alguns espaços da Universidade, buscamos informações sobre a possibilidade de Renato cursar alguma disciplina como aluno especial, mas as disciplinas abertas para ouvintes na Universidade são oferecidas apenas a quem já tem alguma graduação. Buscamos também na Pró-Reitoria de Extensão ofertas

que pudessem interessar ao Renato, coletando programações e também informações quanto às atividades abertas no Instituto de Artes. Os próximos passos foram: a conversa e o almoço. Renato relata que recebeu minhas perguntas e um texto (A hermenêutica da saúde, de Naomar de Almeida Filho) e me mostrou um livro de Gilles Deleuze (Francis Bacon, Lógica da Sensação). Diz que algumas coisas que leu no livro o fizeram lembrar da conversa do dia anterior, sobre a potência da arte. Combinamos um novo encontro na semana seguinte, à tarde, no Parque da Redenção. Mudança de percurso: o encontro da semana é cancelado por Renato, que tem uma entrevista de trabalho. Por telefone, fica combinado que no dia seguinte eu iria ligar para recombinarmos o encontro. Na ligação, Renato diz que está aguardando retorno da entrevista de trabalho. Pede um tempo para que, assim que tenha encaminhado as questões referentes ao resultado da entrevista, entre em contato. Fico ansiosa e insegura, pois é preciso “amarrar” um pouco mais a proposta de trabalho para a pesquisa. No entanto, é necessário compreender o tempo estabelecido por Renato.

O instrumento que utilizei nesta pesquisa foi a conversa ou a “escuta de narrativa”, a partir de duas perguntas feitas ao Renato. Minha proposta era combinar cinco encontros de aproximadamente 60 minutos. A cada encontro, combinar o próximo local e data, dando continuidade às conversas, que seriam gravadas e depois transcritas. Para conhecer as relações cultura e saúde e abrir a conversa, ocorreram duas perguntas/dois disparadores: Renato, pode falar um pouco sobre a tua história com a arte? Renato, tu podes contar como é o teu percurso na cultura e na saúde?

Em relação à preparação para a conversa encontrei a coletânea “Pesquisar na diferença: um abecedário” (FONSECA; NASCIMENTO e MARASCHIN, 2012). Ali identifiquei orientações importantes sobre escuta e narrativa, o planejamento da pesquisa como intervenção ou como proposta aberta às sensações: a aproximação e a interação com os “pesquisados”, pesquisadores segundo o seu interesse pelo tema, nossa própria inclusão como pesquisador-pesquisado, segundo nossa presença ativa no campo e sua tematização (ARANTES, 2012 e SOUZA, 2012). Quanto aos aspectos éticos e regulatórios, a agenda com as informações necessárias para o encontro, a combinação prévia sobre o assunto e a pactuação sobre questões de sigilo, bem como a explicação prévia sobre a importância da

pesquisa e sobre a contribuição do interlocutor, riscos e benefícios estimados. O projeto apresentou sua análise de riscos, mínimos e restritos ao desconforto de fornecimento das informações em meio à conversa livre, o que não ocorreu, apresentou análise de benefícios, que se referiram à qualificação do trabalho em rede na cultura e saúde e do trabalho docente e institucional na educação de profissionais de saúde. Foi apresentado termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice) ao interlocutor da conversação e foi obtida a sua concordância integral.

A conversa com Renato teve como proposta escutar suas reflexões, sua visão, sentimentos e experiência. Sua história e conexões entre cultura e saúde. Encontramos em Porciúncula (2013) que “de objeto a escuta se fez método”. No estudo de Porciúncula a autora relata que foram importantes operadores conceituais as “narrativas da escuta” e a “estética do sensível”. A pesquisadora fala em “narrativas da escuta”. Nesta pesquisa, entretanto, optou-se pela “escuta da narrativa”, abertura de um espaço de conversação, interação sensível, margem aberta às interações desejadas pelo interlocutor e mesmo a expectativa de sua interferência, atenção às entrelinhas da comunicação e esforço pela escuta com o corpo todo, não só ao que é dito de modo verbal ou não-verbal, mas ao que se sente quando se escuta. Resulta da intenção de pesquisa, da orientação recebida/compartilhada sobre o pesquisar e dos efeitos de experimentação do encontro de pesquisa que o método tenha sido a escuta de narrativa.

No que se refere à interação sensível, à margem aberta às interações desejadas pelo interlocutor e mesmo a expectativa de sua interferência, à atenção às entrelinhas da comunicação e esforço pela escuta com o corpo todo, não só ao que é dito de modo verbal ou não-verbal, mas ao que se sente quando se escuta, citamos a “estética do sensível” ou os “agenciamentos” (SOUZA, 2012), perspectivas onde o escutar tem a ver com o enunciar. O perguntar, não como em uma entrevista, mas como conversação, condição de possibilidade para um exercício de trocas, potência de interlocução ou à interlocução, relação com o outro e consigo mesmo, produção de si e do outro pela alteridade. Na escuta de narrativa na construção desta pesquisa, a possibilidade de Renato contar sua história fazendo conexões, e, através de sua fala, realizando descobertas e surpreendendo-se com suas vivências. Na escuta de narrativa a pesquisa

orienta um processo social e se orienta como uma interação. A análise de Gaskel (2002, p. 73) soa similar: não se trataria mais de um processo de informação passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador), mas, ao contrário, uma interação, uma troca de ideias e significados, em que realidades e percepções podem ser exploradas e desenvolvidas. Entrevistado(s) e entrevistador estariam, ainda que de maneiras distintas, envolvidos na produção de conhecimento.

Nos dois primeiros encontros com Renato, explico a proposta da pesquisa, quando também foi considerado seu anonimato ou não. Renato diz que não vê necessidade do anonimato. No encontro seguinte, abordo novamente sua escolha como interlocutor privilegiado de pesquisa, considerando sua trajetória e a relação que consegue estabelecer entre cultura e saúde, produzindo experiências de vida. Conhecer quais caminhos da cultura Renato percorre em sua trajetória, quando e como se aproximam da saúde, onde Renato encontra espaço para produzir, refletir e criar. Mesmo com dificuldades emocionais, ele se lança a experimentar a vida por meio da arte, artesanato e literatura. Em que lugares encontra abrigo? Crescem as expectativas em relação às possibilidades de aprendizagem, trocas e construções. A aproximação com Renato vai acontecendo, contando com seu tempo e disponibilidade, além de alguma ansiedade e curiosidade minhas. Tomei como questões à tematização:

1. Como as expressões da cultura contribuem para a produção de saúde?
2. Como a cultura pode contribuir no cuidado de usuários de serviços de saúde?

A proposta foi realizar a tematização do narrado, o que difere da análise temática do discurso. Busquei uma compreensão profunda dos elementos de narrativa presentes na conversa, suas reflexões e informes. Segundo Severino (2007), a análise temática busca apreender a questão que mobilizou o investigador, o que o entrevistado fala em relação ao tema, como responde a questão que problematiza, seus posicionamentos e a defesa de seus argumentos. Uma tematização do narrado escolhe pontos de singularização, os eixos de desnaturalização e os nós de ruptura. A exploração do material “caminhou” na direção das unidades de registro representadas por palavras, frases, personagens e acontecimentos significativos, não a redução do narrado a palavras ou expressões

significativas. A organização e classificação do narrado não se apegou ao conteúdo da fala, mas aos disparadores de sentidos e vetores. Trata-se de um esforço em construir história e língua para sensações da vida (experimentações).

Souza (2008, p. 45) nos sinaliza sobre o tempo de si na narrativa, a presença do “tempo subjetivo”. Para o autor, “a construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear”, um tempo de si, naquilo que um ator social constrói de si mesmo. Outro aspecto relevante é o que Sholze (2005, p. 28) nos aponta quanto ao método da narrativa em histórias de vida, indicando que pode impulsionar para novas realidades. A autora coloca que “a experiência narrativa nos ajuda a organizar as ideias que estão confusas na nossa mente, mas também nos permite recriar esta realidade, projetando nela nossos desejos, sonhos e frustrações”. Em outro momento, Scholze (2007) escreve sobre a narrativa dizendo que esta nos possibilita criar e, através da criação, tornar a experiência possível de ser compartilhada coletivamente. A escuta de narrativa desponta como possibilidade de pensamento e movimento para a pesquisadora, narrador e leitores.



ESCUA DA NARRATIVA E INTERAÇÃO SENSÍVEL

Conheço o jovem artista desde o período que ele esteve no programa de acolhimento noturno no CAPS, em 2010/2011, por alguns dias. Durante sua permanência no local ele pintava muito. Trabalhadores de saúde e residentes do CAPS e de outros serviços do GHC foram conhecendo seu trabalho, divulgando o artesanato que ele fazia com arame, contribuindo como artesão na promoção da geração de renda, bem como no estímulo e mostra de suas pinturas.

Realizei com Renato, para esta pesquisa, quatro conversas/encontros entre dezembro de 2013 e abril de 2014. Os quatro encontros foram realizados em diferentes locais da cidade, os quais foram pensados e escolhidos com Renato. A duração das conversas foi de aproximadamente 40 min, o tempo em que a conversa causava em nós curiosidade e vontade de falar. O local do primeiro encontro com Renato foi no café da Livraria Cultura, sugerido pelo jovem em dezembro de 2013. Em janeiro de 2014, Renato estava em busca de emprego e, por duas vezes, desmarcou nosso encontro. Conseguimos realizar o segundo encontro em uma lancheria que ele conhecia, próxima da Casa de Cultura Mário Quintana. No início de março/2014, realizamos novo encontro no CAPS. Renato estava no programa de acolhimento⁹, onde permaneceu durante aproximadamente dez dias. Nosso encontro foi no primeiro dia em que Renato foi para o CAPS, construímos juntos a possibilidade da conversa no serviço de saúde, espaço diferenciado de nossos encontros até então, porém um lugar familiar ao Renato, o qual frequenta e busca apoio quando se sente frágil. Nossa última conversa em relação a sua narrativa envolvendo cultura e arte, saúde e educação da saúde, foi no Parque da Redenção, durante uma tarde de sol no mês de abril/2014.

9 O programa de acolhimento na rede de CAPS representa permanência sob observação e acompanhamento profissional (uma espécie de internação provisória, não hospitalar).

DESENHO, MÚSICA, PINTURA E A IMPROVISAÇÃO LIVRE

A primeira narrativa de Renato, depois de transcrita, lhe foi enviada por e-mail, conforme havíamos combinado, porém, no encontro seguinte, no qual perguntei sobre sua leitura em relação à transcrição, Renato mencionou que não leu, bem como não demonstrou muito interesse nesta leitura. Não insisto na proposta, cabe a ele tal decisão. É importante considerar que, na maioria das vezes, busquei contato com o jovem narrador e ele foi disponível e atencioso, salvo o período entre janeiro e fevereiro, quando desmarcou nosso encontro e não atendeu ao telefone. As questões que envolviam geração de renda estavam causando incômodo, ele coloca que estava pensando em buscar um trabalho formal pela necessidade financeira, mas que esta iniciativa não o agradava.

Em nossas primeiras conversas, Renato conta sobre seu encontro com a arte. Partiu do desenho, quando era ainda uma criança. Relata que olhava através da janela os carros e casas e ficava desenhando ou que copiava fotos de revistas e jornais. Aos dezesseis anos inicia o desenho com arame. Aos vinte e poucos anos vem a literatura, leitura de filosofia e a música. Com a música fala de suas expressões sonoras a partir da improvisação musical livre, “nós inventamos tudo na hora, os sons, cada um dos músicos vai se ouvindo, vendo o que cada um está fazendo e vai trabalhando e se direcionando, cada um tem o momento que direciona o outro, assim vai saindo uma construção coletiva, explorando o caos”. Costa (2012, p. 61) nos apresenta considerações sobre a improvisação livre: “um devir em que o presente é enfrentado a cada instante pelos músicos que interagem, tanto a variação constante de materiais (desestratificação) quanto a configuração de estados provisórios (estratificações) se constituem em dinamos fundamentais”.

A pintura, Renato inicia após sua primeira internação psiquiátrica, quando é encaminhado ao Centro de Atenção Psicossocial. Quando sai do CAPS procura o Atelier Livre que fica no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre, para fazer aulas. Relata que a professora lhe orientou como trabalhar com tinta a óleo, “eu queria trabalhar principalmente a questão da pintura, sobre a pintura com música, como se minhas pinturas fossem músicas, então

eu preferi a tinta a óleo que tem característica orgânica, viva, e o efeito é plástico”.

EMERGÊNCIAS DE SI, VAZAMENTOS, IMANÊNCIA DO ARTISTA EM MEIO À VIDA

Em seu relato, Renato fala sobre seu envolvimento com a música, faz algum tempo vem participando de encontros musicais de improvisação livre, inicialmente com outros dois músicos e posteriormente com composições variadas de músicos. Em relação ao artesanato, conta que em sua adolescência encontra um pedaço de arame na rua e começa a desenhar entortando o metal. O artesão nos relata que, quando criança, transferiu para o papel, entre outros, principalmente seu olhar através da janela. Depois, descobre o arame (o qual entorta e segue a linha do desenho) que diz o acompanhar, que quanto mais despreocupado estiver, mais consegue produzir, que não tem uma hora, uma regra, é espontâneo.

Esse é o jeito com que Renato produz vida e artesanato, a sensação que me passa é de soltura, desprendimento, e que o caminho vai verdadeiramente se construindo passo a passo, cabra-cega, pular fora do controle graciosamente, respirar fundo e experimentar delicadamente, escrever desenhando. Diz que vive como um caos, que vai lhe movimentando, que é desse caos que consegue tirar novas formas de peças de artesanato ou de pintura. E a música? O artesanato, a pintura e a música. O instrumento musical que toca, contrabaixo, traz, segundo conta, como proposta musical a improvisação livre.

Com a pintura refere o encontro com o vazio, com o nada, olhar para a tela em branco e ver a possibilidade de trazer algo novo dali: “uma transferência da tua alma que tá se multiplicando em uma nova forma de expressão”. Através da produção artística, Renato nos sugere as possibilidades de realização de conexões plurais.

Em sua iniciativa com a pintura, o jovem nos conta sobre a experiência com a tinta a óleo:

“trabalhar como uma massa, uma massa orgânica, uma massa pesada, criando bastante relevo, relevos e superfícies rugosas, para criar os ruídos e efeitos da música”. E as cores? “As cores eu não sei explicar. Li livros sobre as cores, mas, para mim, quanto às cores, eu vejo que elas vão se relacionando umas com as outras”. Me conta que, quando pinta com uma determinada cor, alguma coisa no seu inconsciente “chama determinada cor que vá combinar com aquela tal cor”. Vai “seguindo esse pensamento”, não fica “preso a regras de composição de pintores, de estudo, de acadêmicos”. Vai “combinando as cores” de acordo com o que seu “inconsciente” e seu “intelecto” lhe “vão falando”. Renato fala a partir de sensações.

Ainda sobre o jeito que compõe sua arte, seu trabalho o jovem diz: “eu faço ele sem nenhum condicionamento, nenhuma restrição, nem de querer algo pronto e definido assim né, ele é totalmente indefinido, incoerente, sem noção, sem sentido né, porque eu acho que a gente tá massificado de tudo com sentido, de tudo ordenado”. Em Pescuma (2013, p. 79) encontramos considerações importantes sobre a relação e produção de Renato no que se refere à arte. Para a historiadora e crítica de arte, a arte não seria um código, mas aquilo que está “sempre quebrando os códigos, inserindo um elemento estranho às convenções ou, talvez, principalmente [até], subtraindo, operando sobre o código, descodificando-o”. A arte seria a manutenção de “um mínimo de constantes e de homogeneidade”, a retirada da estabilidade. Em relação a Renato e seu encontro com a arte, vimos a possibilidade de encontro consigo mesmo, uma aventura.

Dos ensaios abertos de música improvisada – os quais Renato compõe com outros músicos – ele nos conta um pouco sobre a experiência: “é uma experiência única né, e cada vez que tu improvisa, mais tu vai improvisando, é diferente de ensaio sozinho”. Conta que “quando tem alguém ali te olhando parece que te dá uma pressão, uma sensação de liberdade maior”. Relata que “aí, quando tu toca assim, é como se tivesse, como se fosse, um jogo”. Acrescenta que, quando “tem o público, aquela pressão do público” parece um desafio. Renato fala de seu próximo ensaio aberto, será em um bar da cidade, reunindo várias bandas que fazem Improvisação Livre: “só os ‘louco’, um monte de banda, de grupo, formação tudo junto, trocando, troca-troca, várias experiências, várias sensações, vai tá bem legal”.

Improvisação Livre, segundo Costa (2013, p. 35), é uma espécie de anti-idioma. Na livre improvisação não há um sistema ou linguagem musical previamente estabelecida no contexto da qual se dará a prática musical em tempo real. A expressão pessoal (criação) se dá a partir da prática instrumental, por meio de jogos instrumentais em uma dimensão corporal e lúdica.



EDUCAÇÃO, ARTEFATOS DA SAÚDE E ARTEFATOS DA CULTURA

Seguindo a proposta de encontros para conversar com Renato sobre suas conexões entre saúde e cultura, nos encontramos, nesta vez, no programa de acolhimento do CAPS. Ele conta que estava se sentindo um pouco perdido “sem motivação para crescer na vida, assim, de conquistar as coisas, isso vem da depressão, dos problemas, da cabeça assim né”. Renato diz que buscou o espaço do CAPS para refletir, com a técnica de saúde que o

acompanha, sobre o que estava acontecendo lá fora com ele, “para ‘pensar sobre’, por quê eu não consigo me estabilizar, minhas ideias com o mundo, com as ideias do mundo, assim né”. Me diz: “porque as minhas ideias são mais da questão da arte, da improvisação, sem compromissos, sem regras, sem uma direção e o mundo te cobra uma coisa rígida e fixa né, uma coisa contínua assim”. Então, acrescenta: “pra adaptar minha cabeça, leva tempo, estou a cada dia tentando melhorar para tentar suportar isso, e viver d’uma maneira melhor”.

O jovem nos conta que o serviço de saúde e a arte são caminhos para que ele se sinta melhor. Fala sobre sua escolha em relação à arte: “arte eu escolhi por vontade própria, assim de viver isso até o limite total, de seguir até o fim, e eu sei que é um caminho sem resultado fixo, um caminho totalmente improvisado, que pode me levar tanto ao sucesso quanto ao fracasso”. Aí me conta: “mas eu escolhi isso e quero isso, independente da situação que vai me levar”. Em relação ao seu percurso fazendo arte, Renato me fala sobre a importância de “experimentar as coisas”, da necessidade de “estar atento ao que o coração diz sobre os movimentos que tu vai tomando na tua vida, dar atenção à intuição”.

Renato fala da arte como potência de vida, “força para viver”, que a arte é o que lhe ajuda a escapar de todo sofrimento e dor. A arte “foi sempre como que minha bengala, me orientando para onde ir, sem eu cair”. Bengala que lhe ajuda a aliviar o sofrimento e a dor, como aponta Pescuma (2013, p. 57) em relação ao processo criativo e composição da obra. Diz a crítica de arte que “o artista dota a obra de modo que ela possa fazer vir o mundo, fazer percebê-lo sob determinado ponto de vista com o intento de provocar algum efeito, alguma transformação, suscitar estados de espírito, sentimentos, emoções, sensações e ideias”. A arte faria com que pudéssemos “sair de nós mesmos e experimentar outras vidas sob outras perspectivas”. A autora afirma que “o diferencial da obra de arte é que ela faz sentir a força que passa por ela, que é sempre uma força de vida”.

Da relação da arte com o improvisado (música e pintura), da busca de liberdade, do coração e intuição, Renato nos diz: “sobre intuição, é um recurso que eu uso muito na arte,

principalmente quando estou pintando um quadro. Não sigo regra, uma teoria das cores ou um sistema, eu vou indo pela intuição”. Agrega: “eu vou botando as cores na tela em branco e uma cor vai, parece que vai, chamando a outra assim, uma cor vai ter a companhia de outra cor, joga tudo para trabalhar essa intuição que vai vindo aos poucos”.



LINHAS DE FUGA E EDUCAÇÃO DA SAÚDE

Peço que Renato fale um pouco mais de seu percurso em relação aos espaços culturais e de saúde na cidade. Ele me conta que foi convidado por uma residente do CAPS para participar do programa de rádio que estava sendo formado (composto por residentes, trabalhadores e usuários de serviços de saúde), pois ele havia falado dos filósofos que lia. Ele aceita o convite. Relata que, no início, o programa era gravado e que o grupo se encontrava uma semana antes para organizar: “a gente se encontrava em vários lugares, em praças, em restaurantes, em casa, nós saíamos assim com a Kombi, a Kombi do GHC”.

Neste relato do Renato, percebo a importância dos trabalhadores e residentes ousarem em suas práticas de saúde e circularem com os usuários pela cidade, experimentando conexões com a cultura, a vida urbana, vislumbrando outros horizontes e ampliando olhares em relação às possibilidades de vida. Produção de saúde, poderíamos salientar, onde o serviço se abre a devires, a possibilidades e experimentações a partir do que os usuários têm de potência, onde é possível produzir experiências de cuidado diferentes das prescritivas e protocolares. Renato fala da médica psiquiatra que lhe provoca reflexão sobre seu momento de cuidado em saúde, lhe contando uma história mitológica, que o faz pensar sobre suas questões que envolvem saúde mental a partir do que para o jovem faz sentido. Mitologia e filosofia, por exemplo.

Sobre o Atelier Livre, nos conta sobre o laboratório de criatividade no qual teve aulas semanais, relata que a professora desenvolvia uma aula mais livre: “tu podia, tu podia trazer a tua ideia assim... e ela só ia pincelando pequenos detalhes sobre o que a gente estava fazendo, te ajudando, te dando dicas sobre materiais, técnicas, livros, coisas bastante diversificadas, aí eu fiquei quase dois anos lá”.

Pergunto a Renato se tem algum outro espaço cultural ou local que frequentou ou frequenta que contribui com seu lúdico. Renato diz que frequentava uma loja de discos onde o cara da loja lhe conseguia CD's de música de improvisação e dos anos sessenta, setenta. Como eram muito caros, ele gravava para o Renato. O jovem conta que conhece a loja faz muito tempo, “sempre fui desde pequeno, comprava disco mais pop, mais rock pop, e depois meu gosto foi se diversificando para improvisação, para música livre”. Esse seu amigo da loja de discos lhe perguntou se ele tocava algum instrumento e me conta o que o vendedor lhe disse: “tem um cara que escuta as mesmas coisas que tu e também toca, vou falar com ele”. Pedira o seu telefone e deixara o seu com ele. O dono da loja fez a articulação de contatos, os músicos se falaram e combinaram um ensaio. Um trio, Renato baixista, um saxofonista e um baterista. Renato relata que para sua surpresa já conhecia o baterista “lá do Atelier Livre” e que logo no primeiro ensaio, saiu o primeiro disco. Deste encontro com os dois músicos, relata: “A partir disso, nós fomos fazendo outros projetos com outros músicos e bandas maiores, sextetos, também começamos a tocar em outros lugares”. Informa que tocaram no Garagem Hermética, uma histórica casa

de música ao vivo na cidade (“quando ainda estava aberta”). Que depois começaram a tocar em outros espaços, como o *Black Stone*, um estúdio que fazia ensaio aberto, onde se marcava o dia e a hora, aí quem quisesse chegar, era só entrar. Pagava “dez, cinco pila”. O Garagem Hermética foi o local onde conheceu a namorada Sabrina, que também faz improvisação livre e artesanato. Renato continua tocando em ensaios abertos de improvisação livre: “agora as últimas apresentações foram no Marquise, outro estúdio né, e numa outra casa de eventos na Cidade Baixa”.

Em um terceiro momento de nossas entrevistas, Renato está no CAPS ad, ele solicita à médica psiquiatra que o atende a possibilidade de permanência no Acolhimento Noturno por alguns dias. Conversamos no primeiro dia em que Renato ingressou no programa de acolhimento noturno deste período. O jovem relata que o serviço sempre lhe ajudou muito: “já tive recaídas na depressão, onde me sentia desanimado, sem ânimo pra fazer meu trabalho né, então aqui no CAPS tem o pessoal todo equipado com ideias pra trabalhar sobre isso né, pra poder me orientar, pra poder descansar e tem a sala de arte, e eu posso usar, tá liberada”.

Remeto-me à expectativa de elementos à educação da saúde, peço que ele conte sobre a relação com os profissionais que o acolhem no CAPS. Ele diz que os profissionais se “desdobram” para poder ajudar as pessoas. Conta que a médica psiquiatra autorizou seu ingresso no CAPS sábado, porque na sexta-feira à noite estava agendado um Ensaio Aberto. O jovem fala de como se sente no serviço, que frequenta há quatro anos, que “chega a ser quase familiar”. Fala do acolhimento, da escuta e da liberdade de movimento no serviço de saúde: “tu poder se expor e conversar com naturalidade, sem pressão, sem comprometimento de alguma coisa, totalmente livre, eles estão bem dispostos a atender”.

Foi muito acolhedor o modo como fui recebida no CAPS pelos trabalhadores para conversar com Renato. Embora tenha feito contato anterior com a profissional responsável do dia e de Renato ter comunicado que eu iria ao serviço, os profissionais foram muito solícitos, oferecendo espaço para a conversa e nos acolhendo atenciosamente. O jovem consegue mostrar por meio de suas narrativas o jeito peculiar

com que os trabalhadores compõem o atendimento com os usuários, de como ele se sente respeitado, seguro e acolhido no serviço. Renato fala da escuta do profissional no acolhimento, do tempo para reflexão e nova escuta, por exemplo. No mesmo dia “que é um processo de acolhimento, assim, te recebem como se fosse uma casa, um ambiente familiar, que tem horário para alimentação e tudo”. Lembro do estratificado e desestratificado, da necessidade de um lugar/serviço que possa sustentar o caos, a confusão e atrapalhão, escutando o usuário e propondo contornos que lhe ajudem a se sentir protegido sem que sua liberdade esteja em risco.

Ainda sobre a relação com os profissionais no acolhimento do CAPS, na narrativa de Renato: “eles não estão aqui pra dizer o que tu tem que fazer né, eles só tão aqui pra ti, pra te dar uma orientação do que tu pode, de maneira autossuficiente, fazer por ti”. Relata que já ficou no acolhimento do CAPS algumas vezes nos períodos “de recaída na depressão, de desânimo”. Entende que é um ciclo natural, que tem momentos que está bem e outros não, e que nos momentos que não está bem é “preciso saber lidar com isso” e procurar o CAPS. Entre outras possibilidades, pois tem “a necessidade de estar tentando se sentir melhor”. Relata que no serviço cada paciente é tratado a partir da exposição de cada um, “um todo desenvolvido com todos os profissionais”. De sua relação com outros usuários do CAPS nos conta que no acolhimento tem oportunidade de trocar ideias com usuários que estão ali por diversas situações, “alguns eu já conheço, então cria uma amizade, uma familiaridade assim. Com estas pessoas, não é nada tão novo, cada um está buscando seu equilíbrio pra tentar viver lá fora”. Fala que a troca e as conversas vão ajudando dentro do seu processo, que cada um vai aproveitando para si o que pode servir de uma conversa coletiva.

PRODUÇÃO DA VIDA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E ARTE

“A arte foi o que me escapou disso, fez eu sair disso”. O artesão nos conta que o trabalho

com artesanato e arte vão lhe proporcionando alívio. “Eu sinto uma pressão interna né, que se eu, quando eu estou em estado de depressão, angústia, eu não consigo fazer o artesanato, a coisa vai se acumulando, vai se acumulando dentro de mim como se fossem nódulos, vou tendo dores, dor no peito, embaixo das costelas”. Me diz assim: “se eu não tenho, não tenho por onde escorrer essas sensações, esses sentimentos, essa expressão né, aí eu sofro. Então, para mim, quanto mais eu faço, mais leve eu me sinto, assim mais”. Renato fala que com a música também consegue mexer as emoções que ficam presas, como a raiva, loucura, tensões, emoções reprimidas, que tem medo e dificuldade de se relacionar com estes sentimentos, que entende também como estar vivo, ter, sentir, poder expressar o que sente. Diz que na música ou na pintura consegue sentir “um alto grau de liberdade e de expressão, principalmente na música, como se fosse a melhor droga do mundo”.

Renato conta que teve experiências com drogas, fumou maconha e, por período, fumou maconha e usou crack. Coloca que lendo Charles Boudier, “Poema de Haxixe”, viu suas experiências com drogas, se viu nos escritos do autor quando fala de etapas, estágios e sensações. Me diz que não considera as drogas – já que as usou e tal como as usou – com um sentido prejudicial a sua saúde, que “elas foram prejudiciais claro, mas num outro sentido, elas reorganizaram a minha alma e hoje vejo como essas experiências foram importantes na minha vida, para o modo como eu enxergo o mundo hoje, não foi uma coisa gratuita, foi de acréscimo”. Questiono Renato sobre sua relação com as drogas hoje. Me relata que se sente livre, que não precisa mais da “escravidão delas para enxergar determinadas formas”, que hoje consegue “alcançar através da arte, principalmente com a pintura”. Que a arte “vai te trazendo um encontro com o vazio e é uma transferência da tua alma, que tá se multiplicando em uma forma de expressão. Pode ser na música, na pintura”. Nos relatos de Renato encontro a abertura para a experiência, mesmo com as drogas, que como ele nos fala, viveu a experiência e reencontra na criação, na expressão artística modos de experimentar e movimentar sua alma.

Relaciono as vivências de Renato com o uso de drogas e seu relato sobre expressões e sentimentos sob formas novas, não mais através das drogas, mas através da arte, como na citação de Deleuze e Guattari (1997, p. 81): “que a droga tenha mudado suficientemente

as condições gerais da percepção do espaço e tempo, de modo que os não drogados consigam passar pelos buracos do mundo e sobre as linhas de fuga, exatamente no lugar onde é preciso outros meios que não a droga”. Para Renato, a arte seria uma linha de fuga (o que lhe deu escape). Deleuze e Parnet (1998, p. 158), em Diálogos, colocam que “é sempre sobre uma linha de fuga que se cria”. Não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, compõe-se um plano de consistência. “Fugir, mas fugindo, procurar uma arma”. Vimos ainda em Pescuma (2013, p. 16) mais um encontro com a fala de Renato: “o guerreiro, o artista, são conceitos que afirmam sua diferença e levam sua natureza ao máximo da potência, porque estão ligados a forças do fora, afrontam o caos, criam a partir de suas problematizações e simpatias”.

Renato diz que a experiência da arte para ele é “transpor sentimentos, emoções e conflitos internos”, diz que “a palavra prende, aprisiona, te deixa condicionado, por essa convenção toda” e que a arte lhe proporciona novas experiências. Nosso narrador relata que teve um ano de produção intensa (pintando com carvão, explorando o preto, o branco e o cinza), não lembra bem qual o ano, mas que em um período de aproximadamente dez meses produziu muito. “Depois de um período de muita, bastante, criatividade, agora, eu sinto que meio que eu morri um pouco”. Relata que tem artistas que falam que depois que se pinta um quadro é como se morresse um pouco, mas se libertando de uma condição, como se fosse dar a luz a um filho, que retorna aos trabalhos e volta a viver. O jovem nos fala de seu retorno aos trabalhos e seu entendimento sobre como faz arte. Nos fala de sua busca, o que lhe produz movimento e criação. “Pra quê tu vai ficar repetindo as mesmas coisas, acho que tem que se libertar de tudo isso né, é isso que eu busco na música, na minha arte, é a própria vida, vivo de uma forma improvisada, assim é como eu digo”. Fala também de um dos períodos em que esteve muito deprimido e frequentou o CAPS diariamente, até permanecendo alguns dias no programa de Acolhimento, onde se abriu a possibilidade da pintura: “eu fiquei lá e comecei a pintar, e aquilo foi me ajudando né”. Em Pescuma (2013, p. 39) conseguimos enxergar fragmentos da fala de Renato, assim como as percepções em relação à arte e produção de saúde transversais a esta pesquisa: “a arte é sempre uma experimentação, por isso, ela está sempre em metamorfose, como uma linha de fuga dos poderes, apontando a doença que nos está atacando, que foi inoculada desde a infância, ao mesmo tempo que nos coloca

em conexão com outras forças, forças do fora”. Para a autora “a arte é uma produção de saúde”.

O jovem me conta da sua participação no programa de rádio Quartas Intenções, mais especificamente no quadro Papo Filosófico. Relata que no começo do programa ele era muito fechado, que não conseguia falar muito bem, que ficava com vergonha por causa do seu jeito, que era natural de não falar muito. Depois de um tempo, o programa tinha que ser ao vivo, então foi conseguindo “falar mais e melhor”. Quando o programa passa a ser ao vivo Renato diz ter melhorado ainda sua comunicação, em sua fala e sua postura.



MEDICAÇÃO E MEDITAÇÃO

Em janeiro/2014 conversamos longamente e Renato me diz que está com pouco ânimo, sem vontade, mas que está tomando os remédios e frequentando uma psicóloga. Em

outro momento, diz que tem vontade de parar os remédios e também que vive o diagnóstico de doença mental. Em março, nosso terceiro encontro, falamos principalmente sobre os locais de saúde e cultura. Fala principalmente sobre o CAPS, a loja de discos e o Atelier Livre, das conexões que vai estabelecendo e dos mapas que vai desenhando em seu percurso. Conexões de saúde e cultura onde encontra acolhimento e força de vida. Na relação com produção de vida, saúde e arte, fala de momentos que está sofrendo e de suas necessidades: “eu tenho a necessidade de estar me sentindo melhor, eu não quero me sentir como eu estou me sentindo. Assim. Então, acho que só buscando um tratamento, me reorientando dentro da arte, o meu trabalho”.

Em nossa última conversa, perguntei a Renato como foram nossos encontros (a pesquisa) para ele. O jovem me diz que as conversas narrativas foram importantes, pois ocorreram em um momento em que ele não estava muito bem, que o ajudaram a se fortalecer, buscando novamente seu caminho nas artes, fazendo artesanato, pintando alguns quadros. Me diz que está conseguindo se organizar e ter tempo “para ler, para pintar e para a música, que está se sentindo livre, sem cobrança do mercado, nisso tudo a minha saúde vai, vai se melhorando, sem aquela confusão mental, confusões e guerras internas”. Relata que está com psicólogo uma vez por semana. Fala das nossas conversas:

nós conversarmos sobre saúde teve uma boa colaboração na minha saúde, acrescentou bastante sim, poder falar dos meus pontos de vista, das minhas ideias, do que eu leio, discutir sobre a situação, que é... Bem, o que eu posso dizer? Que são outras formas de tratamento, que nem o remédio, nem o terapeuta pode solucionar estes problemas. São outras coisas. Através da leitura e da arte, tu vai te proporcionando saúde também.

Renato me faz pensar sobre o tratamento de saúde, onde há uma expectativa (do usuário e do próprio profissional) em relação ao trabalho especializado, o uso dos medicamentos, o poder de melhora e de cura. O jovem nos mostra a necessidade de composição de saberes e responsabilidades em relação à produção de saúde. A conjugação necessária no atendimento do profissional do campo da saúde (com saberes de *cuidado intensivo*, não a *vida biológica*). O saber de Renato em relação a si mesmo reconhece a necessidade de ajuda, mas sabe o que lhe é singular e potencializa sua força para a produção de vida. O

artesão fala da necessidade da convivência e de ampliar possibilidades (uma caminhada, um esporte, ir ao parque.) e não ficar preso na doença “sem estar se cobrando a parte da doença, senão fica tudo muito fragilizado”. Completa: “tu tem uma doença, então vamos superar ela, vamos se tratar e fazer ter uma vida normal... sem ter culpa, ter raiva... a arte foi o que me escapou disso, fez eu sair disso, a arte sempre foi minha bengala, meu guia”.

Sobre a arte e suas possibilidades de ajuda a sair do sofrimento e da dor, Renato nos fala novamente sobre “ouvir o coração”, relata que “ele manda né, vai te dando a direção”. Que “é bem subjetivo, não é uma coisa fora assim, tem que ir experimentando as coisas e vendo o que vai se adaptando, se isso eu quero fazer, isso eu não quero fazer”. Renato também cita a intuição no ato da pintura e na vida, “vai ter situações que vai ter que usar ela pra poder resolver problemas ou situações que tu está, coisas boas e ruins”. Renato cita a intuição: “sempre aparece, eu acho que vem do inconsciente, assim”. Me conta que “são momentos bem de vazio, quase uma meditação, tem que dar uma caminhada, pra poder ter essa conexão, porque no dia a dia na correria tu não vai conseguir perceber estas coisas”.

Renato me fala sobre a intuição, arte e vida, sentir-se livre, deixar levar: “então, dentro da arte eu vou trabalhar com a intuição, com a improvisação que vai de dentro pra fora, que vai saindo, as ideias assim né, como se a gente fosse uma caixa de ferramentas”. Informa que “aí, para cada defeito que se tem, tu tem que pegar uma ferramenta pra arrumar e tem que tirar essa ferramenta de dentro de ti, da caixa que tá aí”. A intuição funcionaria “como uma ferramenta que dentro de cada situação ela vai aparecer e vai te dar um parecer de como tu deve te direcionar. Sabendo usar esta ferramenta tu vai te sentir mais livre”.

Renato lembra de quando procurou o Atelier Livre. Conta que inicialmente fez uma oficina de criatividade na qual retomou o trabalho com o desenho e a pintura: “foi me ajudando, também socializando com as pessoas, outros alunos, conhecendo outras pessoas”.

REDES DE VIDA, SERVIÇOS DE SAÚDE E REDES SINGULARES DE PROTEÇÃO À VIDA

“Logo após a internação que eu tive, continuei o tratamento no CAPS, e aí, lá, eu senti essa necessidade, dessa expressão de pintura e comecei a procurar novos horizontes né, novas linhas de trabalho, e comecei a trabalhar no Atelier Livre”. Foi nesse período que eu conheci Renato, quando ele permaneceu um período no Acolhimento Noturno no CAPS. A equipe do serviço abriu espaço para que o jovem artista pudesse experimentar a pintura no espaço de cuidado em saúde “fiquei lá e eu peguei e comecei a pintar”. A partir desta experimentação Renato desenvolveu diversas pinturas, copiando e criando novas formas. Quando retornou para casa, procurou o Atelier Livre, no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre, e seguiu por caminhos e linhas que foram se desenhando em seu percurso, experimentando tintas, criando possibilidades, fazendo arte como, por exemplo, seu desejo de pintar ao som de um improviso, inspiração para o curta-metragem Novas Estruturas.

Sobre a relação com outros artistas, pessoas, espaços que frequenta, troca de conhecimentos e saberes, Renato diz que absorve tudo o que está a sua volta e trabalha com isso, “são as minhas ferramentas né. Troca com os outros artistas, trocando ideia com amigos, sugestões variadas, formas de relações que vou tendo com meu trabalho e com outras pessoas”. Me diz que “quando eu estou em feiras, converso com outras pessoas para tentar expor em outros lugares, tentar conseguir espaço, na pintura, no atelier”. Contudo, fala que sua maior troca é subjetiva, com os livros, com os músicos que escuta. Diz que é com essas formas que se relaciona.

Lendo a transcrição das entrevistas com Renato, vejo suas reflexões em relação às “formas” que ele busca, encontra e modifica. Por exemplo, fico um tanto desconfortável, pois ao mesmo tempo que fala da “reorganização”, escuto do jovem artesão algo sobre caos, confusão, desconstrução. Me permito arriscar uma relação com estratificação e desestratificação e encontro nesta relação o conforto do quanto se faz necessária a “forma” para um respiro até que em um outro ou talvez próximo momento possa haver. A

“reorganização” como organização-deseorganização, desconstrução da até que se organize nova forma... É refletindo sobre o que Renato diz que lembro do texto de Costa (2012, p. 61): “para Deleuze, a dinâmica da natureza é um constante processo de estratificação/desestratificação”. Refere que “tanto a estratificação quanto a desestratificação excessivas podem conduzir à *morte* (por exemplo, no fascismo e na esquizofrenia, respectivamente)”. Seria, por isso, que “no ambiente da livre improvisação musical é importante obter um equilíbrio entre estes dois processos”. No cotidiano do CAPS, a forma de um serviço de saúde com rotinas, o qual o artesão pede para estar em alguns momentos de sua vida, momentos desestratificados, é importante. Continuidade, constância, e estratificação como sobrevida para a potência, para o corpo e para a arte.

Por seu relato e minhas sensações, encontro uma mistura curiosa, pois a proposta que desenvolvo em relação à narrativa de Renato, sua escuta, muitas vezes se remete a mim, minhas angústias, meus movimentos. Vejo a necessidade de produzir e descobrir potência de vida em meu cotidiano.

SUSTENTABILIDADE, SOBREVIDA E LUTAS NO CAPITALISMO E NA SUBJETIVIDADE

Com dezesseis anos Renato iniciou o artesanato com arame. Com isso, consegue obter seu meio de sustento. Relata que busca a liberdade, mas ainda assim é preso ao sistema de trabalho, tenta obter algum tipo de renda com o artesanato e também com alguns quadros que pinta. Questiono Renato sobre seu “ritmo” na artesanaria e nas artes. O jovem me conta que, para ele, não funciona acordar às 8h, trabalhar até o meio dia, recomeçar às 13h e seguir até às 18h. Para ele, às vezes pode ser de madrugada, iniciar à tarde ou à noite, pois é quando sente sua cabeça fresca, pronta para trabalhar que as coisas vão saindo, novas formas, coisas que antes não tinha visto, novas formas de *design*, aleatoriamente sem uma regra, um sistema. Me fala de sua relação com o artesanato e a arte, pensando no caos, no improviso, denunciando o modo como, em geral, as pessoas

vivem. Olha para a sociedade convencional como aprisionadora e mortífera, pois propõe modelos de organização e trabalho, necessidades sociais e econômicas condicionadas, máquinas de Estado, determinados modos de vida: “isso mata a pessoa, não deixa ela ser criativa, ela só tem que repetir, sempre igual, tudo igual... e a tua alma mesmo, tu não pode escutar, tu não escuta mais a tua alma, tu vive só o exterior”.

A partir da narrativa de Renato, questiono nossas escolhas e nossos esforços. O sistema capitalista em que vivemos. Segundo Guerra (2010, p.55) o consumismo coloca a sociedade em movimento “como uma forma específica de convívio humano, estabelecendo simultaneamente parâmetros e manipulando as estratégias individuais de vida e as possibilidades de escolha”. Ainda, “o consumo torna -se o aspecto central da vida de grande parte das pessoas e, quando o convívio entre os homens passa a ser orientado pelas emoções ligadas ao consumo, como o querer, o desejar e o ansiar por alguma coisa específica”.

Encontramos em Cristina Pescuma (2013, p. 37-38) considerações sobre os poderes instituídos em cada época ou lugar, seja a religião, o Estado ou os meios de comunicação, produzindo “enfraquecimentos e tristezas”. Haveria “toda uma administração da vida de modo a tentar impedir que se faça contatos com o que é intenso”, estaríamos “atados a pesados deveres diários, submetidos por intermináveis horas, ao longo de toda nossa vida, a tarefas vis, mecânicas, repetitivas”. Estas tarefas nos solapariam “toda a inventividade, nos enchendo de culpa e de ressentimento, seres de falta, de vida reativa, fraca”. Pescuma ainda acrescenta: “são efeitos reais que nos abatem o ânimo, enfraquecem os corpos, nos separam de nossa potência”.

Em nosso segundo encontro de escuta narrativa, Renato diz que não está comparecendo na rádio e no Atelier por falta de material e por não estar com vontade de fazer as coisas. No momento em que Renato está no Acolhimento do CAPS (março/2014) e realizamos a entrevista ele fala que se encontra com “dificuldade de se estabilizar com as ideias do mundo”, pois suas ideias são mais da questão de arte e improvisação, sem compromissos, sem regras, sem uma direção. Renato nos fala sobre problemas com a família, que está com dificuldade de se entender com a mãe, que esta faz cobranças, é rígida, que ele não

consegue se adaptar a isso direito. Em relação a sua situação do mundo, informa que acha que nasceu “com isso na cabeça, de ser tudo diferente, de ter essa outra forma de adaptação, de não ter sistema, por isso ter que se prender a um sistema de trabalho e instituições é muito complicado”. Diz que é mais a questão do dinheiro, que tem muita dificuldade em lidar com o dinheiro, que precisa, mas não tem ambição: “não tenho metas de querer buscar o dinheiro a todo custo, de fazer sacrifício”. Acrescenta; “me sinto mais livre, não preciso depender tanto dele, prefiro ganhar menos e viver o mais simples possível”. Conclui: “queria só ter um espaço para fazer meu trabalho e vender. Seria isso, bem simples! Que não dependesse tanto das regras do sistema, essa ambição cega”. Renato esteve desmotivado, sentindo-se pressionado. Em nossa conversa no mês de abril, após os encontros e período no CAPS, está conseguindo direcionar seu trabalho, relata que ele e a namorada estão adquirindo coisas juntos, “a gente comprou uma máquina para tirar fotografia”. Segundo Renato, o casal pensa em tirar fotografia dos trabalhos de artesanato (o casal faz artesanato) e pintura para expor nas redes sociais e vender.

Renato me diz que é preciso momentos de vazio, aqueles quase de meditação, porque na correria do dia a dia, a razão está latente, falando que “tu tem que sair de casa arrumado, ter o dinheiro da passagem, todas essas coisas que vão te cobrando, tu não consegue perceber o teu interior, teu inconsciente, porque fica tudo meio mecanizado, uma máquina de repetição”. Em relação “ao sistema, o governo, é tudo pensado para homens, para poder domesticar o homem, pra não deixar o seu lado selvagem falar, então, ficou um homem domesticado, mecanizado, repetitivo”. Continuamos a conversa, e a questão da possibilidade de geração de renda com a música de improvisação. Renato diz que é bem difícil, “até espaço para tocar este tipo de música é difícil de achar”. Para tocar tem que pagar o estúdio, não tem espaço cedido. Também existem os custos com os instrumentos musicais como cordas e cabos. Pergunto para Renato como ele se organiza para conseguir recursos para manter os instrumentos e ensaios. Renato relata que é por meio do artesanato, “fazendo as vendas dos meus trabalhos nas feiras, em eventos. Se tem exposições, eu consigo adquirir dinheiro para me manter nessa arte né, comprar as tintas, as telas, comprar equipamentos para os instrumentos, as cordas”. Diz que depende da venda do artesanato e de quadros para se manter na arte “na tua própria vida e se

alimentar”.¹⁰



METAMORFOSEAR

Em abril, realizamos a quarta e última conversa no Parque da Redenção, Renato diz que, com nossos encontros e após o período que ficou no acolhimento do CAPS, está conseguindo ter mais ânimo, motivação para direcionar seu trabalho, aparecendo em outros grupos. Ele diz: “eu tô descobrindo outros grupos de arte”, conta que está retornando ao Atelier para pintar, e que descobriu uma Associação de Esquizofrênicos, que ali tem palestras e grupo de arte. Renato conta que também está fazendo atendimento psicológico na Clínica da UFRGS, que ali também tem oficinas de cerâmica e de pintura. Em nossa conversa, Renato me fala de tratar a alma, ampliando possibilidades de convívio: “a alma que tem, ela que pede outras coisas, outros serviços, que não sejam institucionalizados. Assim, serviços com a convivência com outras pessoas, o estar se

¹⁰ Pesquisando nas redes de notícias, encontro a informação que o primeiro estúdio público para gravação de CD foi inaugurado em Porto Alegre no mês de dezembro de 2013: Estúdio Geraldo Flach, vinculado à Secretaria Municipal da Cultura, localizado no anexo do Teatro de Câmara, no Bairro Cidade Baixa. Grupos musicais serão contemplados por Edital para utilizarem as diárias de gravações. Informação na Internet: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=166331&prefeitura+inaugura+primeiro+estudio+publico+de+musica+do+pais>.

relacionando com grupos, grupos de arte, grupos de música, tu ter uma autonomia, isso vai te dando liberdade, uma sensação de saúde”. Pergunto a Renato sobre espaços de cultura da cidade, ele diz que também vai ao Memorial de Arte do Rio Grande do Sul, Museu de Artes do Rio Grande do Sul, espaços públicos e gratuitos, onde se aprecia arte. Em relação a espaços públicos para produção de arte, embora existam, o acesso ao material é difícil, “o material sempre tem que comprar”. Relata que tenta vender os trabalhos para comprar material, e seguir fazendo arte e artesanato.

Renato circula pela cidade, desenhando suas paisagens. Desenha ao longo de seus dias, conforme os lugares que vão se apresentando e se conectando com seus interesses e experimentações. Em seus relatos, Renato nos apresenta a cidade com outros códigos relacionais. Frayze-Pereira (1997, apud PALOMBINI, 2009)¹¹ cita o valor de uso, sem privilégio ao valor da troca, construindo a circulação na cidade como um lugar possível para o si mesmo. Alguns dos locais que Renato relata transitar, lhe convocam a experiência com a música, a filosofia e suas reflexões, como o Quadro Papo Filosófico no Programa Quartas Intenções da Rádio AMORB, Ponto de Cultura Falando a Gente se Entende. Outros locais são territórios do cuidado e abrigo para o sofrimento psíquico, como o CAPS. Também busca locais para a pintura, as amizades, o namoro, espaços da cidade que provoquem e acolham desterritorializações e reterritorializações, movimentos necessários a sua intensa busca pela liberdade.

Observar e escutar alguns dos movimentos de Renato me provocaram diversos questionamentos. Por exemplo, em quais lugares ou talvez em quais serviços os trabalhadores e profissionais de saúde fazem movimentos coletivos? Quais profissionais estão disponíveis às experimentações e aprendizagens, a escutar as necessidades dos usuários ao invés de respondê-las?

Uma Educação da Saúde aberta à invenção tem lugar? Praças, ruas, árvores, serviços públicos de assistência social, escolas, universidades, estúdios, bares, circos, livrarias e pontos de cultura, para além dos serviços oficiais de saúde são possibilidades de conexão?

11 Palombini (2009) cita João Augusto Frayze-Pereira em Crise e cidade: por uma poética do acompanhamento terapêutico, na obra Crise e cidade: acompanhamento terapêutico, organizada pela Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa, de São Paulo, pela Editora Educ (1997, p. 19-35).

Como a cidade acolhe seus habitantes? Que lugares e que tempos temos disponíveis para as trocas e aprendizagens que não restrinjam os encontros, as novidades, as experiências e os movimentos, fazendo conexões com o que nos produz potência de vida.

Na conversa com Renato, me dou conta do quanto podemos aprender andando pela cidade, buscando o que nos interessa e encontrando pessoas e lugares que acolhem nossas dúvidas, nos mostram curiosidades, apresentam possibilidades que até então não tínhamos vislumbrado, nos mostram e nos provocam ao encontro conosco mesmos, nos mostram diversidades. Para quem quer aprender, as ruas da cidade também são o universo.

Melo (2005) nos remete a considerações em relação ao pensamento de que cada pessoa é uma rede de relações, físicas, intelectuais, com a natureza, com todas as coisas, com as pessoas, e que estas relações nos afetam constantemente. “Acho que não sou desse mundo”, fala Renato, “eu não consigo me estabilizar, minhas ideias e o mundo, né”. Como nos aponta Pescuma (2013, p. 57) em relação a um modo de vida caracterizado por muito de nada, os excessos reduzem tudo “a uma subjetividade da falta, sempre em busca de um a mais que possa suprir esta sensação constante e insuportável de insatisfação, de esgotamento dos sentidos, automatismos do pensamento, funcionando como uma droga”.

O que fazer? Com quem? Muitas possibilidades pertencem objetivamente ao mundo da cultura e dizem respeito a atividades culturais possíveis na cidade, não nos serviços de saúde, encontros entre os possíveis, a rede de cultura e saúde e a rede de saúde mental como instâncias de arte, inclusão e acolhimento. Esta pesquisa movimentou pensamentos e ações em mim, de um jeito rizomático, me constituindo de várias formas, me fazendo atravessar por multiplicidades, em relação a sentimentos, reflexões e experimentações. Parece que vejo a vida de um outro jeito e ainda não sei o que fazer. Conforme Ferreira (2008, p. 34), trata-se de “saber que, ao invés de definições fechadas e de conceitos prévios, o que se tem são agenciamentos, conexões entre todos os lados, hibridações que mudam de acordo com os novos acontecimentos que se criam”.



FIM DESTA HISTÓRIA... INÍCIO DE OUTRAS

Faz alguns dias que leio os escritos desta pesquisa para sinalizar mais uma vez sua importância. Releio, penso e vou lembrando das leituras e conversas com o Renato, a oficina de audiovisual no Ponto de Cultura, experiências do Consultório na Rua e do Chalé da Cultura, arte, cultura, saúde e educação, com suas possibilidades. Escrevendo, vou lembrando dos movimentos que possibilitaram conexões: a realização do curta metragem “Novas Estruturas”, que realizei com Renato, a escuta de sua narrativa, os trajetos que fiz, as sensações que tive, as informações que busquei. O percurso que realizei com Renato, (mais fortemente a partir da experiência de pesquisa do mestrado) e as pessoas que foram sendo cutucadas em meus contatos (alguns mais, outros menos), por exemplo no trabalho e na família, em relação ao cuidado em saúde, solidariedade, exclusão social, tolerância com “diferentes”, e coisas que me são indizíveis, aprendizagem e vida.

Me coloco a provocar, chamar atenção das pessoas, mais um vez (pois muitos outros já o fizeram) a olharem para si através da narrativa de Renato e possam lembrar quantas vezes e por quais motivos em suas vidas se sentiram maltratados, negligenciados e excluídos, ou assim o fizeram. Quantos em suas famílias, locais de trabalho, foram menosprezados, e qual motivo mesmo? Mais lentos, “burros”, pobres, até mesmo os mais rápidos algumas vezes (quando a maioria é mais lenta), sonhadores (no mundo da Lua) loucos? Venho a pensar, o que é a loucura? Motta e Dantas (2008, p.88) trazem reflexões importantes a respeito: “a loucura é um conceito puramente relacional”. Para as autoras, “o homem sempre utilizará um parâmetro de comparação, com isso, será em relação a uma ordem que o conceito vai se definir, por exemplo: é diante dos termos normalidade e saúde que a loucura se apresenta como anormalidade e doença. Conclui: “sendo assim, os termos normalidade-anormalidade sempre serão apresentados de forma relacionada”. Quais nossas verdades, e que motivos nos levam a marginalizar nosso irmão, nosso amigo, o menino que pede um prato de comida na porta da minha casa, a mulher que pede comida para seus filhos na rua... No serviço de saúde aquele que não entende o que eu digo para fazer em relação ao seu cuidado, ou então aquele que está todos os dias pedindo uma

consulta na Unidade Básica de Saúde e não toma a medicação prescrita pelo profissional.

Esta trajetória proporcionada pela pesquisa contribuiu, principalmente através da narrativa de Renato na cultura e na saúde, para sinalizar a importância e necessidade de serviços de saúde na cidade abertos para a atuação em redes de “vida”, as quais, segundo Franco (2006 p. 5), “se organizam em conexões e fluxos contínuos de cuidado, onde são produto e ao mesmo tempo produtoras da ação dos sujeitos singulares que se colocam como protagonistas em um determinado serviço de saúde”. Essas redes comporiam “um mapa que se vai formando como se as suas linhas navegassem sobre a realidade, em alta intensidade de fluxos”. Teriam “alta potência de constituição do novo, um devir para os serviços de saúde, associados ao cuidado e centrado nos campos de necessidades dos usuários”.

Minha intenção, a partir de vivências anteriores e desta pesquisa também é provocar tremores, rachaduras em relação aos modos como nos relacionamos e aprendemos: trabalhadores da saúde e usuários. Quero mostrar através desta escrita o quanto estamos impregnados de valores, crenças, modos e modelos que direcionam nossas vidas para longe de nós mesmos, através de processos de subjetivação, compostos por informações que são, segundo Deleuze (1999, p.10, 12): “um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam nos dizem o que julgamos que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem”.

A partir dos encontros com Renato tenho encontrado na arte, como expressão da cultura, uma das poucas atividades que nos permitem viver atualmente mais livres. Para realizar uma produção artística não é possível prescrever. Na realização do audiovisual a proposta não surgiu para contar a trajetória do Renato na cultura e na saúde, mas para realizar uma produção audiovisual a partir de uma ideia sua. A pesquisa que nos propusemos a realizar traz a narrativa que Renato faz a partir de sua história e seu percurso na cultura e na saúde, contemplando em nossos encontros a conversa sobre seus sentimentos, reflexões e experiências. O convite foi para que o jovem compartilhasse, produzindo saberes com a pesquisadora, leitores e interlocutores a partir de sua narrativa. Nossas conversas ressoam em mim, e, no dia a dia, vou observando e buscando estas conexões.

Lembrando da realização do audiovisual, me vejo na relação com o Renato, artista usuário do serviço de saúde mental. E assim, no decorrer da pesquisa fui sentindo e olhando diferente para minhas limitações e de onde elas vêm ou vinham. Começo a olhar novamente para as pessoas, seus modos de vida, seus desejos, suas alegrias, meus desejos e minhas alegrias, nossas potências, individuais e coletivas.

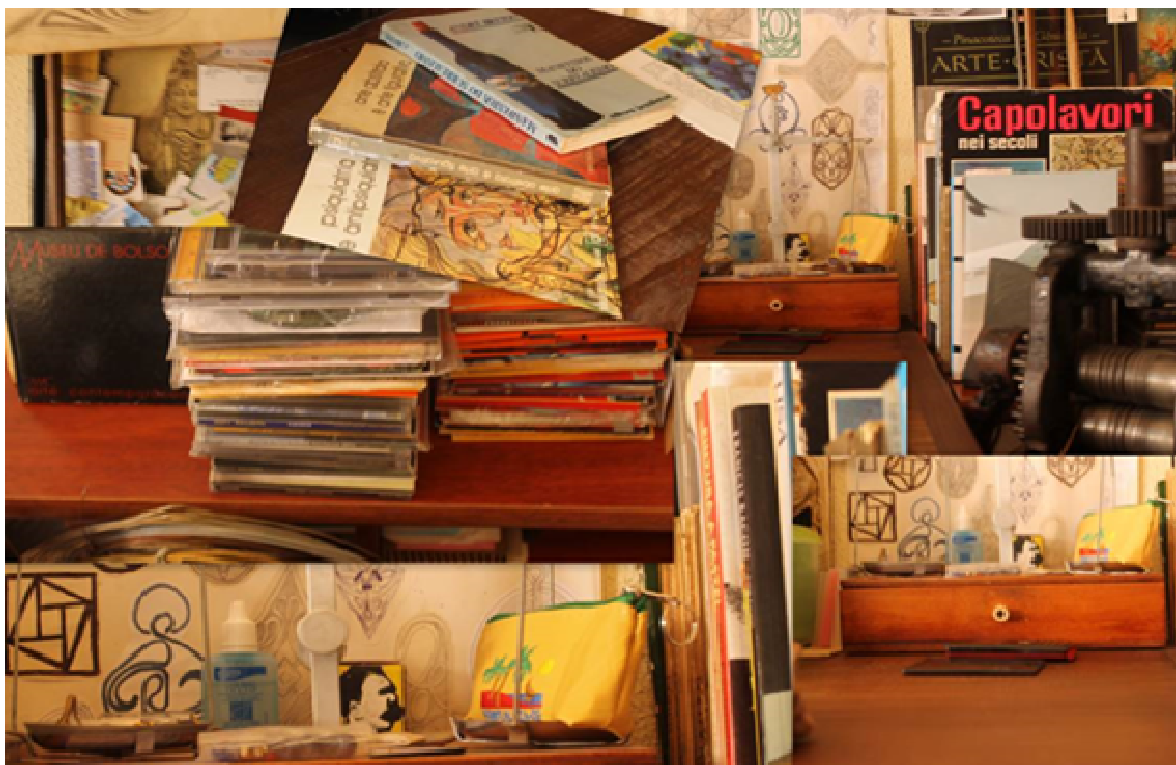
Ânsia de liberdade, invenção e prática, uma vida que produz novidades, na qual é possível que trabalhadores e usuários experimentem possibilidades de bem viver, conhecer, aprender e ensinar? Ceccim e Ferla (2009, p. 451-452), referindo-se a Maturana e Varela¹², dizem que os autores, “tratando sobre o conhecimento, partem do princípio de que a vida é um processo de conhecimento e afirmam que nós construímos o mundo em que vivemos, que, por sua vez, também nos constrói no decorrer da viagem comum”. Dizem, então, que, portanto, “a rotina de um profissional de saúde pode ser só um ritual, mas pode também ser dispositivo se reconhecemos nela o contato, o expor-se, o deixar-se afetar”.

Esta pesquisa e todos os elementos de minha vida se conectam com esta experiência de conhecer e aprender no trabalho em saúde e me remetem ao modo como venho desenhando minha trajetória de vida: desafios, sonhos, desejos, crescimento pessoal e profissional. A partir desta experiência me posiciono a propor uma educação da saúde que por meio de conexões amplie o cuidado e práticas de atenção na saúde, ou seja, provoque movimentos e deslocamentos na organização do trabalho, na relação entre os trabalhadores e destes com os usuários, promovendo a desterritorialização da doença, abrindo espaço para criação e a afirmação da vida.

Sobre o que pode uma Educação da Saúde, Ceccim e Ferla (2009 p. 450), nos sinalizam: “buscar a potência, levantando questões, investigando realidades e interrogando paisagens, na perspectiva de uma aprendizagem de si, dos entornos e dos *papéis* profissionais como *potências* profissionais”. Uma Educação da Saúde na qual nos proponhamos “provocar conexões”, uma Educação da Saúde aberta a reflexões,

¹² Ceccim e Ferla citam Humberto Maturana e Francisco Varela em A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. Publicado pela Workshopsy, de Campinas, em 1995.

experimentações e trocas, “acionando movimentos de estranhamento, de desacomodação, de *perguntação* e de implicação, potência para um coletivo diferir de si mesmo e de dobrar novas práticas” (CECCIM e FERLA, 2009, p. 453).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA Filho, Naomar. *A ciência da saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Escutar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 93-95.

AYRES, José Ricardo Carvalho de Mesquita. Uma concepção hermenêutica de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, v. 17, n. 1, 2007, p. 43-62.

BACKES, Marli Terezinha Stein; ROSA, Luciana Martins da; FERNANDES, Gisele Cristina Manfrini; BECKER, Sandra Greice; MEIRELLES, Betina Hörner Schlindwein; SANTOS, Silvia Maria de Azevedo. Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. *Revista de Enfermagem UERJ*, v. 17, n. 1, 2009, p. 111-117.

BAPTISTA, Luís Antônio. *A cidade dos sábios*. São Paulo. Summus, 1999.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. A escuta psicanalítica e a educação. *Psicólogo inFormação*, v. 13, n. 13, 2009, p. 91-98.

BETTS, André Kraemer; RAINONE, Francilene Nunes.; SPOHR, Fúlvia da Silva. Oficina de imagens: um espaço de criar (com)partilhado In: PALOMBINI, Analice de Lima; MARASCHIN, Cleci; RICKES, Simone Moschen. *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 129-138.

BRASIL. Ministério da Saúde. Consultório de Rua do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/consult_rua17_1_11.pdf. Acesso em: 20 mai 2013.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

CARVALHO da SILVA, Maria Cristina. *Educação do lugar: saúde mental e pedagogias da cidade*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Grupo Temático de Educação em Saúde. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CECCIM, Ricardo Burg; FERLA, Alcindo Antônio. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. *Trab. Educ. Saúde*, v. 6 n. 3, p. 443-456, nov.2008/fev.2009

CONFERÊNCIA internacional sobre promoção da saúde, I, 1986. Carta de Ottawa. Ottawa, 1986. Disponível em: <http://www.opas.org.br/coletiva/carta.cfm?idcarta=15>>. Acesso em: 8 ago 2013.

COSTA, Rogério Luiz Morais. A livre improvisação musical e a filosofia de Gilles Deleuze. *Per Musi – Revista Acadêmica de Música*, n. 26, 2012, p. 60-66.

COSTA, Rogério Luiz Morais. A livre improvisação musical enquanto operação de individuação. *Artefilosofia - UFOP*, n. 15, 2013, p.34-45.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Tradução: José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 27 de junho de 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia* - v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* - v. 4. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELGADO, Pedro Gabriel In: AMARANTE, Paulo; LIMA, Ricardo (Coord.). *Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura*. Relatório final (Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas em Sofrimento Mental e em Situação de Risco Social). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

FERREIRA, Flávia Turino. Rizoma: um método para as redes? *Liinc em Revista*, v. 4, n. 1, 2008, p. 28-40.

FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do e MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FRANCO, Túlio Batista. As Redes na Micropolítica do Processo de Trabalho em Saúde. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araujo. *Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco, 2006, p. 459-474.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUERRA, Renata de Souza. Dimensões do consumo na vida social. Tese (Doutorado em Sociologia da Cultura). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em estudo*, v. 6, n. 1, 2001, p. 17-27.

KÖPTKE, Luciane Sepúlveda (Coord.) Retratos da interface cultural e saúde no Brasil: experiências premiadas e selecionadas nos Prêmios Cultura e Saúde, Editais 2008 e 2010. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

LEWIS, Michele dos Santos Ramos; GUADAGNIN, Ana Paula; CARVALHO, Suelen Griguc; PASINI, Vera. Quartas intenções: de um programa de rádio como um dispositivo em saúde mental. *Polis e psique*, v. 3, n. 1, 2013, p. 100-118.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, ciência e saúde – Manguinhos*, v. 14, n. 3, 2007, p. 709-735.

MAMBERTI, Sérgio, In: AMARANTE, Paulo; LIMA, Ricardo (Coord.). *Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura*. Relatório final (Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas em Sofrimento Mental e em Situação de Risco Social). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008, p. 24-25.

MELLO, Cláudia de Cássia Silva; FARIAS, Neusa Beatriz Barcelos; SOARES, Natalia do Canto; PEKELMAN, Renata; ROCHA, Cristianne Maria Famer. Saúde na comunidade: espaço de prática e promoção em saúde na rádio comunitária. *II Convibra Saúde – II Congresso Online de Gestão, Educação e Promoção da Saúde*, 24 a 26 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/2012/71/2012_71_4096.pdf>. Acesso em 6 set. 2013.

MELO, Alberto. Ensinaamentos de Spinoza. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.) *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 435-471.

MOTTA, Giovana Caires; DANTAS, Marta. Simplicidade e singularidade: arte “virgem” na concepção de Mário Pedrosa. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 29, n. 1, jan./jun. 2008, p. 75-100,.

NESPOLO, Gabriela Fabian; DUARTE, Érica Rosalba Mallmann; FERREIRA, Gímerson Erick; OLIVEIRA, Gustavo Costa de; PINTO, Eduardo Araujo; FERLA, Alcindo Antônio. Pontos de cultura e saúde: desafios e potencialidades na visão de seus coordenadores. *Rev enferm UFPE on line*, v. 8, n. 5, mai 2014, p. 1237-1246.

OSÓRIO, Luiz Camillo. Da arte e do espectador contemporâneos: contribuições a partir de Hannah Arendt e da crítica do juízo: o quê nos faz pensar? *Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*, v. 23, n. 29, 2011, p. 219-234.

PALOMBINI, Analice de Lima. Utópicas cidades de nossas andanças: flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico. *Fractal - Rev. Psicol.* [online]., v. 21, n. 2, 2009, p. 295-317.

PESCUMA, Cristina. In: PASQUALI, Lanussi (Org). *A arte contemporânea e o pensamento da diferença*. Salvador: Blade, 2013.

PORCIÚNCULA, Lizia Pacheco. *Narrativas da escuta: imagens de uma estética do sensível para o cuidado em saúde*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

RAINONE, Franciele Nunes. *A plurissemia das imagens cinematográficas e a polissemia do significante na psicose: uma relação entre imagens e narrativa*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHOLZE, Lia. *Narrativas de si: o olhar feminino nas histórias de trabalho*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SOUZA, Eliseu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. *Fórum identidades*, v. 4, n. 2, 2008, p. 37-50.

SOUZA, Pedro de. Agenciar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 167-170.

TURINO, Célio. *Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, informo que fui convidado a participar da pesquisa “Quantas intenções: conexões entre cultura e educação da saúde”, de autoria de Ana Lúcia Valdez Poletto, mestranda em Educação, pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada pelo Prof. Ricardo Burg Ceccim, que tem como objetivo a escuta de uma “narrativa de si” na relação arte/cultura e saúde, tendo em vista uma nova “educação da saúde”, quando se pretende que a saúde possa aprender com a arte segundo seus usuários “habitantes” da interface entre mundo da cultura artística e mundo dos serviços de saúde.

Fui esclarecido de que esta pesquisa não acarreta riscos ou danos à minha saúde, exceto aqueles provenientes de meu próprio narrar, mas diante dos quais terei a liberdade de interromper a narrativa, marcar outras datas de encontro ou cancelar a participação. Sei que minha participação é isenta de remuneração pela mestranda e nossa conversa não acarretará ônus para quaisquer das partes. Tenho a liberdade de me recusar a participar ou me retirar da pesquisa a qualquer tempo, em qualquer fase do projeto, sem penalização alguma. Sei que as informações obtidas serão divulgadas somente para fins científicos. Minha identidade não requer total anonimato, pois relatarei apenas histórias compartilháveis, parte delas já públicas nas mídias audiovisual e eletrônica. A gravação da entrevista individual será destruída após sua fiel transcrição. Sei que os pesquisadores estão disponíveis para esclarecimento de dúvidas que surjam sobre o estudo, durante ou após minha participação. Sei que minha opinião pode incidir nos rumos da pesquisa como especial interessado em narrar histórias a compartilhar.

Para contato com a pesquisadora, seu orientador, posso recorrer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul ou diretamente. Para o caso de denúncia, se necessário, posso recorrer à Ouvidoria da UFRGS. Pesquisadora: lindapoletto@gmail.com / tel.: 3357-2288; orientador: burg.ceccim@ufrgs.br / tel.: 3308-4131 tel.: 3308-3738; ouvidoria da UFRGS: <http://www.ufrgs.br/ouvidoria/contato-ouvidoria> / tel.: 3308-4944.

Como gostaria de ser identificado: () anonimato seguro; () meu nome próprio; () de maneira codificada; () com nome fantasia: _____.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Pesquisado